



GRÁTIS!

A vida sempre refloresce
quando existe o Sol do amor.



Ref.: P.021

FORMATO: 28 cm x 42 cm

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

GANHE ESTE BELÍSSIMO PÔSTER TOTALMENTE GRÁTIS!

• **COMO FAZER?**

É MUITO FÁCIL. É SÓ ANGARIAR 2 ASSINATURAS NOVAS DA REVISTA AVE MARIA. FALE COM SEUS FAMILIARES, PARENTES, AMIGOS OU CONHECIDOS, OFEREÇA A ELES À REVISTA AVE MARIA; CONSIGA 2 ASSINANTES NOVOS E, PRONTO! VOCÊ GANHARÁ O BELÍSSIMO PÔSTER ACIMA COM UMA BONITA MENSAGEM CRISTÃ.

• **COMO ENVIAR?**

PREENCHA OS CUPONS ABAIXO COM LETRA BEM LEGÍVEL E ENVIE PARA:

REVISTA AVE MARIA: RUA MARTIM FRANCISCO, 656 - CEP 01226 - SÃO PAULO, SP.

CONSEGUI OS 2 NOVOS ASSINANTES ABAIXO. POR ISTO PEÇO À REVISTA "AVE MARIA" QUE ME ENVIE GRÁTIS O PÔSTER ACIMA: REF.: P.021

• ESTOU REMETENDO O VALOR DAS DUAS ASSINATURAS NOVAS (12.000,00) À REVISTA "AVE MARIA" POR

CHEQUE DO BANCO (Pagável em S. Paulo)
ou VALE POSTAL Data / /84

MEU NOME _____

MEU ENDEREÇO _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

Assinatura _____

1º ASSINANTE

Nome _____

Rua _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

2º ASSINANTE

Nome _____

Rua _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **"RABÔNII!"**
Um encontro com Cristo Ressuscitado.
- 8 • **MARIA — MÃE SANTÍSSIMA**
A maternidade divina de Maria.
- 9 • **MARIA E NÓS**
Maria, mãe dos pecadores.
- 10 • **ORAÇÃO À VIRGEM DA MINHA ALEGRIA**
- 11 • **A CAMPANHA DE AMOR CONTINUA**
Uma carta, um relato da fome cotidiana.
- 12 • **FRATERNIDADE 84**
Uma campanha que nos compromete fraternalmente.
- 13 • **AINDA O BOIADEIRO**
Lutar para que Deus e as pessoas sejam respeitadas.
- 14 • **DE ONDE VIM? PARA QUE NASCI? PARA ONDE VOU?**
O sentido da Vida.
- 15 • **MEIOS DE COMUNICAÇÃO: ONDE A VIDA E A MORTE SE CONFUNDEM**
Instrumentos que podem ajudar a Vida e podem favorecer a morte. Como os utilizamos.
- 18 • **DIREITOS HUMANOS**
A tortura é condenada por Deus e pelos homens sensatos.
- 19 • **ERGUE-TE, NEGRO**
A liberdade de ser e viver como qualquer cidadão.
- 20 • **O LIVRO ESCOLAR E AS DIFERENÇAS SOCIAIS (II)**
O que as crianças aprendem nas entrelinhas e nos livros escolares?
- 21 • **CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO — CONTROLE DA NATALIDADE E "HUMANAE VITAE"**
O valor da vida humana e o valor do amor humano.
- 23 • **IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO USO DO DIU**
O DIU ajuda a vida ou ceifa a vida?
- 25 • **UM PEDACINHO DA PRAIA EM CASA**
As crianças aprendendo a responsabilidade.
- 26 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
- 28 • **ATÉ QUE PONTO O ALCOÓLATRA ESTÁ FORA DE CONTROLE**
DECIDIR parar de beber, eis a chave da solução do problema.
- 29 • **EU E A VIDA**
Compreender-se e acolher-se para viver mais feliz.
- 30 • **A MISSÃO CONTINUA**
Quatro novos sacerdotes claretianos para a construção do Reino de Deus.
- 33 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 35 • **O ESPÍRITO E O AMOR SÃO O FUNDAMENTO DA IGREJA**

EDITORIAL

Ave, Maria!

Ave, Maria! Com esta saudação (Lc 1,28ss) o anjo São Gabriel veio anunciar aos homens que Deus vem encarnar-se na humanidade. Ele vai, concretamente, na pessoa de Jesus Cristo, comunicar o seu ser, através de Maria.

Em homenagem a esta saudação e à Mãe de Jesus, esta revista vem sendo confeccionada, distribuída e lida há 86 anos ininterruptamente. Dia 28 de maio é o seu aniversário.

A capa, a Virgem Maria com o Menino, é uma pintura de Cláudio Pastro. Os traços são fortes, simples e marcantes. A cor da pele procura ressaltar a tez do povo brasileiro, queimada pelo sol tropical; os olhos grandes lembram os que querem ver a verdade e não querem perder de vista a vontade de Deus; as mãos grandes, são mãos que acolhem o Cristo nos pequenos e humildes e louvam a Deus, abertas à caridade e ao amor; os pés grandes são feitos para a grande caminhada da vida, e o azul de fundo é a esperança constante na ressurreição.

Os temas escolhidos para este número dão destaque à vida plena que herdamos com Cristo ressuscitado. A crônica "Rabôni" relembra o fato da ressurreição em nosso cotidiano.

Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus e nossa mãe, é lembrada em seu pleno acolhimento à vontade de Deus em "Maria, Mãe Santíssima" e também como sendo exemplo para todas as mulheres no Dia das Mães em "Maria e Nós". Por certo a nossa alegria não é completa sem a Virgem; por isso um belo poema nos ajuda na prece de filhos felizes em "Oração à Virgem da Minha Alegria".

Embora fraca, a voz dos pobres continua sendo uma denúncia às injustiças. Leia a carta/denúncia reescrita em "A Campanha de Amor Continua". E, complementando o assunto, "Fraternidade 84" e "De onde vim? Para que nasci? Para onde vou?"

Para entendermos um pouco mais o mecanismo ideológico dos "mass media" (dia 5 de maio é dia Nacional das Comunicações), os exclusivos depoimentos do Pe. Atílio Hartmann e do jornalista Kotscho da Folha de São Paulo em "Meios de Comunicação: Onde a Vida e a Morte se confundem".

O crescimento populacional tem forçado governos e entidades a estudarem mais a fundo os problemas que provêm de uma superpopulação. No artigo "Crescimento Demográfico — Controle da Natalidade e "Humanae Vitae", o professor Enrique Briozzo situa historicamente o documento papal sobre a Vida Humana para a melhor compreensão do valor da vida e do amor humano. Interessante e esclareedor, dentro desse contexto, é o artigo "Implicações Éticas do Uso do DIU", do Pe. José Nildo Lübke, visto ser um tema polêmico e que coloca em jogo a vida humana desde os seus primeiros momentos.

Os outros artigos valem por sua orientação, tanto para o comportamento no relacionamento fraterno e diante dos problemas cotidianos, quanto para o crescimento na fé e no conhecimento dos benefícios de Deus.

Este número de aniversário quer ser um agradecimento em nome de Maria, Mãe de Jesus, a todos os colaboradores e desejar aos amigos leitores as bênçãos daquele que veio para fazer-nos exultar de alegria com sua presença, o Filho de Deus.

P.C.G.

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP.

□ Composição, Fotelito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 600,00 - Ass. Anual Cr\$ 6.000,00 - Ass. de Benfiteiro Cr\$ 10.000,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Elias Leite, Antônio Lagoa, José Wanderley Dias, Severiano Rodriguez, André Carbonera, Isidoro De Nadai, Aury Azélio Brunetti, Ana Valim, Carlos Antônio Pereira, Sílvia Cintra Franco, Enrique Briozzo, Nildo J. Lübke, M. Aparecida Figueiredo, Maria do Carmo Fontenelle, Donald Lazo, Mauro Martins Amatuzy, Vitor Pedro Calixto dos Santos, Aleceu Luiz Orso.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Atílio Cancian.

Diretor Administrativo: Nestor Antônio Zatt.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isaias Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Gealdo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Antônio T. Sato, Diomar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

Bispos católicos no mundo

Roma (CIC) — Segundo o Anuário Pontifício de 1984, a Igreja Católica tem 4.410 bispos, dos quais 2.422 têm bispo residencial. As conferências episcopais somam 101, e só 29 países têm vicariato militar.

Refugiados etíopes

Mogadiscio (CIC) — Em fevereiro de 1984 chegavam a 700 mil os refugiados etíopes na Somália, 80% deles são mulheres e crianças. Outros 460 mil etíopes estão refugiados no Sudão.

Igrejas Australianas pedem divisão justa de bens

Sydney (CIC) — A Igreja Católica australiana, a Igreja Anglicana e o Conselho das Igrejas Australianas se uniram e publicaram um documento onde pedem “medidas eficazes” em favor de uma divisão justa dos bens, menos discriminação e uma reforma social e econômica no país.

O clero na Polônia

Varsóvia (CIC) — Em janeiro deste ano, as 27 dioceses polonesas e as 39 congregações religiosas que lá trabalham tinham 7.681 seminaristas-clérigos. Em 1983 foram ordenados na Polônia 731 novos padres. A ordem religiosa que mais seminaristas tem é a franciscana, com 393 estudantes de filosofia e teologia, seguida dos salesianos e verbitas.

Auxílio fraterno concreto

Porto Alegre (CIC) — Várias associações e entidades, preocupadas com o desemprego crescente e com a alimentação das fa-

mílias dos desempregados, resolveram empreender a campanha “Um quilo de solidariedade”, que está mobilizando toda a cidade de Porto Alegre. Os alimentos arrecadados estão sendo distribuídos às famílias dos desempregados da capital gaúcha.

Planejamento familiar do Estado é condenado

Brasília (CIC) — Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, afirmou que a Campanha da Fraternidade deste ano, aberta oficialmente na Quarta-Feira de Cinzas pelo papa João Paulo II e dom Ivo Lorscheiter, debaterá sobretudo “a política da natalidade em favor da vida, superando as tendências ao controle estatal e às imposições do Primeiro Mundo”. O texto-base da Campanha da Fraternidade reafirma o posicionamento da Igreja contrário à intervenção do Governo no planejamento familiar e assinala: “Aqueles que detêm o poder sobre a máquina do Estado nacional não têm o direito de determinar às famílias o número de filhos”. O documento insiste em que “o verdadeiro remédio a uma possível explosão demográfica nociva à humanidade é o combate à miséria e à fome”.

Dom Ivo é contra modelo econômico

Porto Alegre (CIC) — O presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, em seu programa radiofônico semanal “A Palavra do Pastor” condenou a acumulação desordenada de bens individuais e afirmou: “O Terceiro Mundo não deve agarrar-se ao modelo de desenvolvimento em que

Paz e amor, sim! Mas passando pela justiça

Conceição do Araguaia (CIC) — O bispo de Conceição do Araguaia, dom Patrício Hanrahan, escreveu uma carta aos bispos franceses, contando a libertação dos padres Camio e Gouriou e acentuando o sentimento evangélico que a prisão dos dois sacerdotes teve para a Igreja no Brasil. “Eu lhes declaro, escreveu dom Patrício, a Vocês, meus irmãos, e a todo o Povo de Deus: a única razão pela qual os dois padres foram presos foi o fato de terem feito consciente e inteligentemente a opção preferencial pelos pobres”. Mais adiante o bispo de Conceição do Araguaia lembrou que muitos falam que o Reino de Deus é de paz e amor, mas não aceitam que, para chegar à paz, ao amor, à fraternidade, a justiça é indispensável.

vivem os países industrializados, num total mimetismo que procura ter orçamento colossal, a tecnologia avançada, o capital esplêndido e projetos faraônicos que não merecem outro nome senão o de contradesevolvimento”. Inspirado no livro “A Riqueza, Pobreza dos Povos”, de um escritor africano, dom Ivo assinalou: “É preciso reinventar a economia ou dar à economia um novo sentido e um novo rumo que não deixem reduzida à mera arte de obter dinheiro, mas a convertam em uma verdadeira economia de serviços, que privilegie as necessidades sociais dos homens e das comunidades”.

Professora do Paraná cria catecismo para surdos

Curitiba (CIC) — A professora Lídy Garcez, diretora da Escola Êpheta, está elaborando um curso de catequese para deficientes auditivos. Catequista há 30 anos e deficiente auditiva, a professora Lídy revela no seu livro, que deverá ser publicado ainda este ano, toda a psicologia

de um deficiente auditivo e a metodologia que deve ser empregada para que a catequese tenha efeito. O manual será usado pela primeira vez no Encontro Nacional de Evangelização dos Deficientes Auditivos que a CNBB promoverá conjuntamente com a Associação de Escolas Católicas, em novembro deste ano.

Concedido prêmio budista a pastor protestante

Tóquio (CIC) — A Organização Budista Rissho Kosei-Kai atribuiu ao pastor Homer Jack, o prêmio Niwano. É a segunda vez que o prêmio é concedido a uma personalidade cristã. A primeira vez foi a dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, por seus trabalhos em benefício da paz. Homer Jack, 67 anos, de 1970 a 1983 foi o secretário-geral da Conferência Mundial das Religiões pela paz e nesse cargo desenvolveu uma série de programas assistenciais em favor dos refugiados vietnamitas e se pronunciou inúmeras vezes contra o armamento nuclear.

ECC faz campanha contra o aborto

Campinas (CIC) — Sob a coordenação de seu fundador, padre Alfonso Pastore, o ECC (Encontro de Casais com Cristo) está promovendo uma campanha em todo o Brasil contra a legalização do aborto. O movimento enviará uma carta-protesto aos parlamentares contra a aprovação da lei no Congresso. Enquanto uma minoria afirma “que a legalização do aborto é para acabar com a sua clandestinidade — diz a carta —, se esquece de que, seguindo o mesmo raciocínio, dever-se-ia também legalizar o uso de drogas, a prostituição, os seqüestros, os homicídios”. Lembra ainda o documento que copiar leis de outros países não é sinal de responsabilidade: “Enquanto essa minoria diz que nos países desenvolvidos o aborto está legalizado, se esquece de que não somos macacos imitadores, mas, sim, cidadãos responsáveis que, antes de tudo, devem medir as conseqüências dessas leis em nosso País, antes de adotá-las”.

AVISO AOS ASSINANTES

Queremos lembrar aos amigos assinantes que a assinatura da Revista AVE MARIA para este ano de 1984 é de Cr\$ 6.000,00 até o dia 31 de maio; depois, a partir de 1.º de junho, será de Cr\$ 8.000,00. Por isso, aproveite ainda estes dias de maio e envie o pagamento de sua anuidade.

Esta é a maneira mais prática e simples de colaborar com a sua Revista AVE MARIA. COMO FAZER? Envie o valor de sua anuidade em cheque pagável em São Paulo, em nome da Revista AVE MARIA, ou Ordem de Pagamento, ou ainda em selos novos do correio.

Com isso você está ajudando a imprensa católica e colaborando com a mensagem cristã para a construção de um mundo mais humano, mais pacífico, mais justo e de mais amor.

A DIREÇÃO



REZEMOS AO SENHOR

Intenções missionárias - maio 1984

Para que o Reino de Deus chegue a todos os homens é que elevamos ao céu nossos corações unidos às nossas preces, em todas as línguas.

O papa João Paulo II propõe para cada mês do ano novas intenções das orações pelas missões, na oração dos fiéis.

Assim, todo o povo que reza estará ainda mais em comunhão com os irmãos que rezam nas outras partes do mundo.

INTENÇÃO MISSIONÁRIA

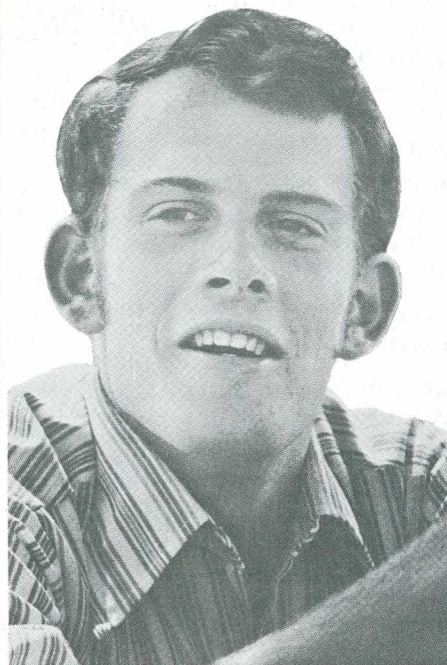
Para que a Igreja na Coréia, em seu segundo centenário, adquira novo impulso e vitalidade. Rezemos ao Senhor.

“Maria, que o povo simples sofrido venera com especial amor e a quem recorre com particular confiança, é a figura por excelência dessa Igreja fiel a Deus e solidária com os pobres” (Diretrizes da CNBB, 53).

INTENÇÃO GERAL

Para que os católicos dêem testemunho de sua fé no meio escolar. Rezemos ao Senhor.

EU? UM MISSIONÁRIO? VOCÊ ESTÁ BRINCANDO!



De fato, vários jovens que se tornam missionários reagem de forma semelhante a essa primeira sugestão.

A decisão de tornar-se missionário, padre ou irmão, vem depois de refletir com cuidado nas oportunidades de servir os outros.

Deixe-nos entrar em contacto com você sem compromisso. Teremos a maior satisfação em dar-lhe informações de como você poderá tornar-se padre ou irmão missionário e servir a Deus numa Congregação missionária.

Escreva para:
**SECRETARIADO
VOCACIONAL
CLARETIANO**
Rua Martim Francisco, 656
01226 - São Paulo, SP

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP

1.951

SÃO LUCAS ERA PINTOR?

É verdade que Lucas, autor do 3º evangelho, foi médico e pintou um quadro da Virgem? (A.R.J.- São Paulo, SP).

Em primeiro lugar, Lucas é autor não só do evangelho que possui o mesmo nome (Ev. de Lucas), mas também do Livro dos Atos dos Apóstolos. Quanto à primeira parte da sua pergunta, está em Col 4, 14 que diz: "Saúda-vos Lucas, o médico amado..." E isto é comprovado no próprio evangelho, pois tem uma predileção ao descrever curas e doenças com minúcias:

a) Lc 4,38: distingue entre febre pequena e grande.

b) Lc 8,54-56: logo após ressuscitar a jovem, Jesus mandou que lhe dessem de comer, o que é próprio do médico.

c) Lc 22,44: é o único a falar do suor de sangue de Jesus.

d) Lc 4,38; 5,18; 14,2; 21,34: usa termos técnicos da medicina.

Quanto à segunda pergunta: se ele pintou um quadro de Nossa Senhora. Foi no século VI d.C., em Constantinopla, que se falou pela primeira vez de Lc como pintor. O porta-voz desta notícia foi Teodoro Leitor, da Igreja de Constantinopla, que viveu por volta de 530 d.C. Na sua obra "História Eclesiástica", diz: "Eudóxia

enviou a Pulquéria, de Jerusalém, a imagem da Mãe de Deus que tinha sido pintada pelo apóstolo Lucas".

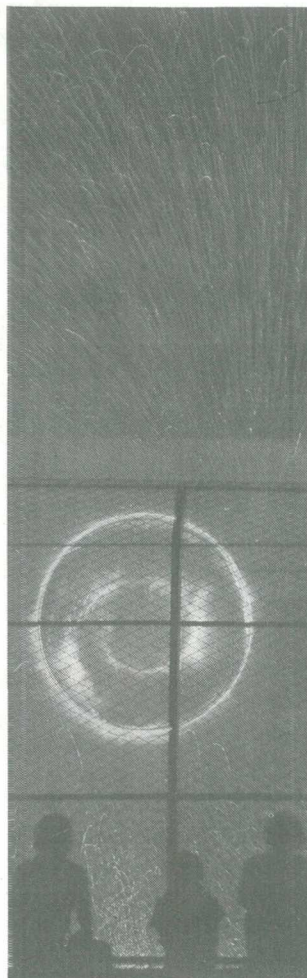
A tradição de Lucas, como pintor, foi retomada muitas vezes ao longo dos séculos, e, de vez em quando, eram atribuídas a ele imagens da Virgem, geralmente no estilo bizantino. Verdade é que não há razões particulares para confirmar esta tradição, mas também não há razões para negar isto. Os personagens que aparecem no terceiro evangelho, como Zacarias, Isabel, Velho Simeão... são retratados de uma maneira viva. O que resta a dizer é que Lucas é o evangelista da Mãe de Deus.

1.952

"FOGUEIRAS

Qual a origem e o significado de queimar fogueiras? (J.R.C.R. — Nazareno, MG).

Os festejos do fogo de junho são em sua origem independentes da estima devotada ao Batista, mas derivam-se de costumes vigentes outrora entre os pagãos, e esses costumes encontraram acolhimento no povo cristão. O motivo que inspirou a comemoração de queimar fogueira é o culto do fogo e em particular do sol, que os pagãos observavam com carinho. Na Gália, a veneração pelo fogo parece ter sido in-



roduzida pelos celtas. O culto do fogo e do sol tomava suas expressões mais características por ocasião do verão, quando o dia atinge o auge de sua duração no hemisfério setentrional. No dia 24 de junho o sol se encontra no trópico de Câncer, chegando ao ponto máximo de distância do equador.

Ora, entre os cristãos, foi fixada a celebração da natividade de João Batista no dia 24 de junho. A razão disto é bem diversa daquilo em que se inspira a festa do fogo. A anunciação do anjo a Maria é

comemorada pela liturgia no dia 25 de março (nove meses antes do Natal), e o nascimento do Batista devia ser festejado três meses após a Anunciação, pois o anjo Gabriel anunciava a Maria que sua prima Isabel, mãe do Precursor, se achava no sexto mês de sua gestação (Lc 1,36). Foi por esta convergência de motivos que vieram a coincidir na mesma data as celebrações do fogo e a solenidade de S. João Batista.

Quanto à segunda parte da pergunta — o significado de queimar fogueiras —, percebe-se que o costume utilizado, entre os pagãos, são manifestações de superstição; levavam para casa os carvões apagados a fim de serem protegidos contra os temporais; quem saltasse sobre as brasas era tido como imunizado de males futuros, etc... Quando este costume penetrou em regiões cristãs, a Igreja procurou cristianizar, dar um significado cristão e não simplesmente condenar. A partir do séc. XVI se carregavam publicamente tochas ardentes e se acendiam fogueiras e fogos, que são o símbolo de S. João, o qual foi luz e chama ardente a preceder a verdadeira Luz (Cristo). Estes festejos são expressões de alegria pela chegada daquele que veio dar testemunho da verdadeira Luz (Jo 1,7).

RABBONI!

Pe. Elias Leite

Aquele *Sabath* não era o mesmo dia festivo para os amigos do Nazareno. Era um dia de túmulo.

Na sexta-feira, noitinha já, abriu-se o ventre da Terra para receber, sem vida, a humanidade inteira na síntese do corpo do Crucificado. Voltava ao útero da Terra o que dele havia saído, para aguardar o momento do novo sopro de Vida criador, com a Ressurreição gloriosa de toda criatura humana no Homem Jesus.

Por isso aquele *Sabath* não era o mesmo dia festivo para os amigos do Nazareno e, sim, um dia de túmulo. Não mais estava vivo no meio dos homens aquele que veio trazer a Vida ao homem. E seus amigos, sepultados numa sala, cercados de medo, não diziam nada. Não faziam nada. A Vida estava ausente deles.

No dia seguinte, o primeiro da semana, ao alvorecer, a mãe Terra deu à luz “a verdadeira Luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo”.

Agora, o sepulcro vazio. Os panos dobrados. Perfume solto no ar. Um silêncio alegre de paz. A Vida volta ao mundo num novo dia da criação. Jesus ressuscitado! Uma nova manhã.

Mas, ainda restava alguém chorando, naquele amanhecer. Também os orvalhos do coração têm lugar no abrir de cada manhã. E chorar uma ausência é presença de quem ama. Maria — a de Mágdala — chorava, vagueando pelo jardim, à procura de alguém que a terra não mais escondia. Ela mesma ajudara a colocá-lo no sepulcro. Agora mesmo vira o sepulcro vazio como o seu coração. Tinha certeza.

— *Mulher, por que você está chorando? A quem você procura?*

Não dava para explicar. Nem viera procurar alguém. Estava ali para rever o corpo do amigo que haviam matado. Botar seus olhos nele, sua vida nele. Revivê-lo na tristeza, na lembrança, no esperar. O que mais se pode fazer a um morto do que olhar?

Nem tentou reconhecer quem falava com ela. Por certo aquele jardineiro nada sabia. Ou, num jeito de disfarce, ocultava tudo. Algo havia naquela maneira de perguntar. Mas, a resposta foi outra.

— *Olha, moço, se você o tirou daqui, diga para onde o levou e eu irei buscá-lo.*

Explicações não interessavam. Somente encontrar quem não estava. Iria buscá-lo até lá onde estivesse. Como algo desaparecido. Algo alguém. Que tinha sido tudo para ela. Amigo, mestre, médico, perdão. Sim. Como queria ser grata em amor, por aqueles seus pecados todos perdoados!

O sol novo jogou luz no céu. E as flores do campo se abriram em cores. Bem clara, como a manhã, uma voz se faz ouvir, chamando-a pelo nome.

— MARIA!

— RABBONI!

Reconheceu o tom daquela voz. Tantas vezes a chamara assim. E só achou a língua materna para expressar aquele grito da alma, todo surpresa e alegria: Rabboni! (Mestre!)

Como é bom a alegria dos encontros, quando a distância maior é maior amizade, é razão de amor!

Tudo mudara para ela. O suposto jardineiro se havia transfor-

mado. Agora, não mais perguntas. Mas presença amiga. A certeza do perto. E ela teve vontade de atirar-se nele, abraçá-lo, beijar-lhe os pés, lavá-los de alegria, enxugá-los com os longos cabelos, como na casa de Simão, e derramar-lhe perfume, uma ânfora toda, desde a cabeça.

E JESUS, mais claro que o sol da manhã, olhou-a nos olhos e foi dizendo estas palavras que eram ordem, mensagem e sinal de ESPERANÇA.

— *Não me toque, pois ainda não voltei para o meu Pai. Vá aos meus irmãos e diga que vou subir para Aquele que é meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus!*

Era para fazê-la sair da terra de si mesma e lembrar-se de que ali agora se realizava nele todo o destino do HOMEM neste mundo e que deve ser anunciado aos irmãos: retomar a Vida e voltar para o Pai!

E João, o amado discípulo, termina esta narrativa no seu evangelho, dizendo simplesmente:

“Então Maria Madalena foi e disse aos discípulos de Jesus:

— *Vi o Senhor!*

E contou o que Jesus lhe havia dito” (Jo 20,18).

Que o amanhã amanheça em páscoas de ressurreições quotidianas. E cada um de nós possa sentir a voz do *Mestre* chamar pelo nosso nome:

— Maria! (Antônio, Débora, Luísa, Fábio, Cláudia, o seu nome — leitor, você...)

E você se encontrando com cada irmão no dia-a-dia, e a felicidade gritando dentro de você, que nem luz do céu: EU VI O SENHOR!

Maria - Mãe Santíssima

Coronel Lagoa

O povo brasileiro, amamentado na religião ao colo, do devotíssimo filho de Maria, o Beato Padre José de Anchieta, ama, respeita, venera instintivamente, quase que por uma necessidade do coração, a MÃE do nosso Divino Salvador. A Maria devemos nossas glórias e o povo o reconhece; o povo o confessou sempre. Não há cidade brasileira que não tenha uma igreja dedicada à Mãe de Deus. Do campo inimigo, é que vieram emissários de guerra que perturbaram os incautos. São os protestantes os maiores inimigos da Mãe de Deus!

É, pois, dogma de fé que Maria Santíssima é Mãe de Jesus Cristo; e como Jesus Cristo é Deus, Maria Santíssima é Mãe de Deus.

Maria Santíssima é Mãe de Deus; assim diz o Evangelho: *“O que nascer de ti, já santo, será chamado Filho de Deus”*. E *“Donde me vem tanta felicidade — disse a Nossa Senhora sua prima Santa Isabel — “que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor?”* E Deus, acrescenta o apóstolo São Paulo, mandou a seu Filho, *“nascido de mulher”*.

O título de Mãe de Deus é antigo? Tão antigo como a mesma maternidade divina. E o povo cristão o estimava tanto em Nossa Senhora, que quando o Concílio de Éfeso o declarou dogma de fé, aquele povo fervoroso e devoto de Maria cobriu de bênçãos os bispos reunidos em concílio e os acompanhou até suas residências, com archotes acesos, porque julgaram que deviam honrar como a SANTOS os que tão santamente haviam honrado Maria Santíssima. Felizmente é dogma de fé: Maria Santíssima, Nossa Mãe, é Mãe de Deus!

Uma mulher é Mãe de Deus! É motivo mais que suficiente para ficarmos orgulhosos, vendo a nossa natureza humana assim levantada a dar a Deus vida humana, a ter a Deus por filho, portanto, a sermos irmãos de Deus.

MARIA SANTÍSSIMA É MÃE DE DEUS é, portanto, pelos direitos de Mãe, pode muito perante Deus;

pode mandar em Deus; por esse título quase divino de MARIA, aquele a quem obedecem os céus e a terra, aquele que tem como ministros e servos inúmeras legiões de anjos, está pronto a fazer em tudo a vontade de MARIA; é filho obediente, está apenas esperando que a Mãe abra a boca para responder às suas súplicas; para atender aos seus rogos; para atender aos seus pedidos.

Maria foi a pura criatura mais favorecida de Deus; a Ela não foi negada nenhuma mercê ou privilégio que haja sido concedido aos outros san-

tos; Ela foi a cheia de graça; a que possuía a Deus com quem Deus estava; ELA é a MÃE DA DIVINA GRACA, o auxílio dos cristãos, o refúgio dos pecadores; e nós, carecendo de graças, precisando de Deus, fracos e débeis na alma, pecadores e pobres, a quem melhor recorreremos para obter mercês e favores, senão a quem os tem em tanta abundância, que se chama por antonomásia a *Mãe das Mercês?*

Há no homem duas substâncias bem diferentes entre si; o corpo e a alma. Mas tão estreitamente enlaçadas que formam uma só coisa, um só sujeito ou, como mais propriamente se diz, uma pessoa só. Nossos pais deram-nos o corpo; a alma, como substância espiritual, não podiam eles dar; que não se propagam os espíritos, como se propaga a matéria, pela geração carnal. Deus é que criou nossa alma; foi Deus quem no-la deu. E todavia você e eu dizemos, e dizemos bem, que nossa Mãe é tão nossa, posto que só nos desse o corpo. Porque eu e você nascemos de nossa Mãe, e você e eu não somos só o corpo, senão a pessoa, o homem, que recebeu a vida e veio à luz por essa pessoa idolatrada, que, com justíssimo título, chamamos e é NOSSA MÃE!

O CORAÇÃO DE MARIA, objetivamente considerado, significa o amor, os sacrifícios, as vigílias, as tristezas, a espada de dor que por nós sofreu nossa MÃE MARIA. Ora, dizer a um filho que não se lembre de sua mãe; que não pense nela; que queime o seu retrato; que evite encontrar-se com figuras que lhe falam dela — é isso natural? Diz isso com o ser de homem?

O Coração de Maria oferece a Deus, o amor, os obséquios e honras que lhe dedicam seus servos, devotos e admiradores, e procura que eles se convertam em servos humildes e fervorosos de seu FILHO JESUS. Amemos, pois, de todo o coração, de toda a alma, e com todas as forças e com a máxima perfeição o CORAÇÃO DE MARIA e assim chegaremos ao perfeito amor de Deus!





MARIA E NÓS

José Wanderley Dias

É a ti, Maria, que desejo dirigir-me no Dia das Mães, teu dia em primeiro lugar

É uma bênção acreditar em ti. De maneira simples, como os muitos milhões que não se preocupam com fórmulas, com profundas meditações, e que apenas deixam falar o coração, que entendem, com sinceridade e perfeição, que nada pôs o gênero humano tão alto quanto o haveres s.do tu, mulher, escolhida para a missão ímpar de possibilitar que o Infinito se fizesse carne, para que Deus-espírito pudesse ser Deus-homem, para que Deus-se-fim Se tornasse homem-com-fim e que, pela ressurreição primicial, nos abrisse as portas da eternidade, da bem-aventurança.

Na realidade, como são vazios os que pretendem discutir e negar isto em termos científicos, dentro da frágil, passageira, mutável e vazia ciência humana!

Aí é que não encontraríamos possibilidade alguma de entender o mistério de amor que representa tua maternidade, o nascimento de Cristo em ti.

Muito mais fácil seria tentar explicar o funcionamento de cérebro e neurônios à base das propriedades dos triângulos, que não têm nada a ver uma coisa com outra.

Somos felizes. Porque acreditamos que o homem tem uma origem e um destino eterno. Que não somos coisa ou matéria simplesmente. Que existe um Deus Criador e Pai.

Que Ele não quis distanciar-Se de nós. E que escolheu a aproximação total. Fazendo-Se um de nós. E isto somente seria possível se houvesse, no mundo, uma criatura perfeita. Tu és esta criatura. Pela mão de Deus. Mas também pela tua escolha própria. Porque, principalmente em ti, Deus respeitaria e respeitou a liberdade fundamental.

Tu aceitaste a glória e o sacrifício. Não sem plena consciência, como querem afirmar alguns pobres e pretensos sábios. O teu "Faça-se" teve dimensão maior do que o "Faça-se" o mundo. Porque fizeste que se fizesse Deus-homem. E isto não há possibili-

dade de abarcarmos, de entendermos suficientemente, de agradecermos suficientemente.

Por isto é que todas as gerações te chamam bem-aventurada como previste em tua humildade.

Não te damos mais do que tens, nem seria preciso que o fizéssemos. Igualmente, porém, não podemos aceitar que te dêem menos do que mereces, do que és. Por isso, em todos os quadrantes, recebes o amor dos que aceitam tua maternidade divina, estendida a cada um de nós, quando o Cristo te entregou João, nosso representante e nosso símbolo aos pés da Cruz.

Como é bom podermos dirigir-nos a ti, advogada nossa, porta do céu, arca da aliança, estrela da manhã.

As mães aflitas não falam a uma estranha. Dirigem-se a quem sabe o que é a maternidade, sabem o que é a angústia de quem ama e se preocupa com o filho.

Nós não falamos com uma estranha. Porque és mãe e nos entendes.

Nas ave-marias despreziosas de almas humildes. Na meditação dos grandes espíritos marianos de todos os tempos.

Na veneração de todos os povos. Guadalupe, Czestochowa, Fátima, Luján, Aparecida, são demonstrações universais de tua presença material no coração de todas as gentes.

Aqui entre nós, também estás. Do Rocio, em Paranaguá. Da Luz, em Curitiba. Do coração, em cada um de nós.

É Dia das Mães, Senhora, pelo que te pedimos que as protejas. As menores, as mais carentes primeiro. Estas precisam mais de ti.

Mas todos precisamos. Para que não desfaleçamos. Para que não abandonemos. Para que persistamos.

Dia das Mães. Dia de Maria. Dia de pedirmos com esperança: Mãe de Deus e mãe nossa, rogai por nós!

ORAÇÃO À VIRGEM DA MINHA ALEGRIA

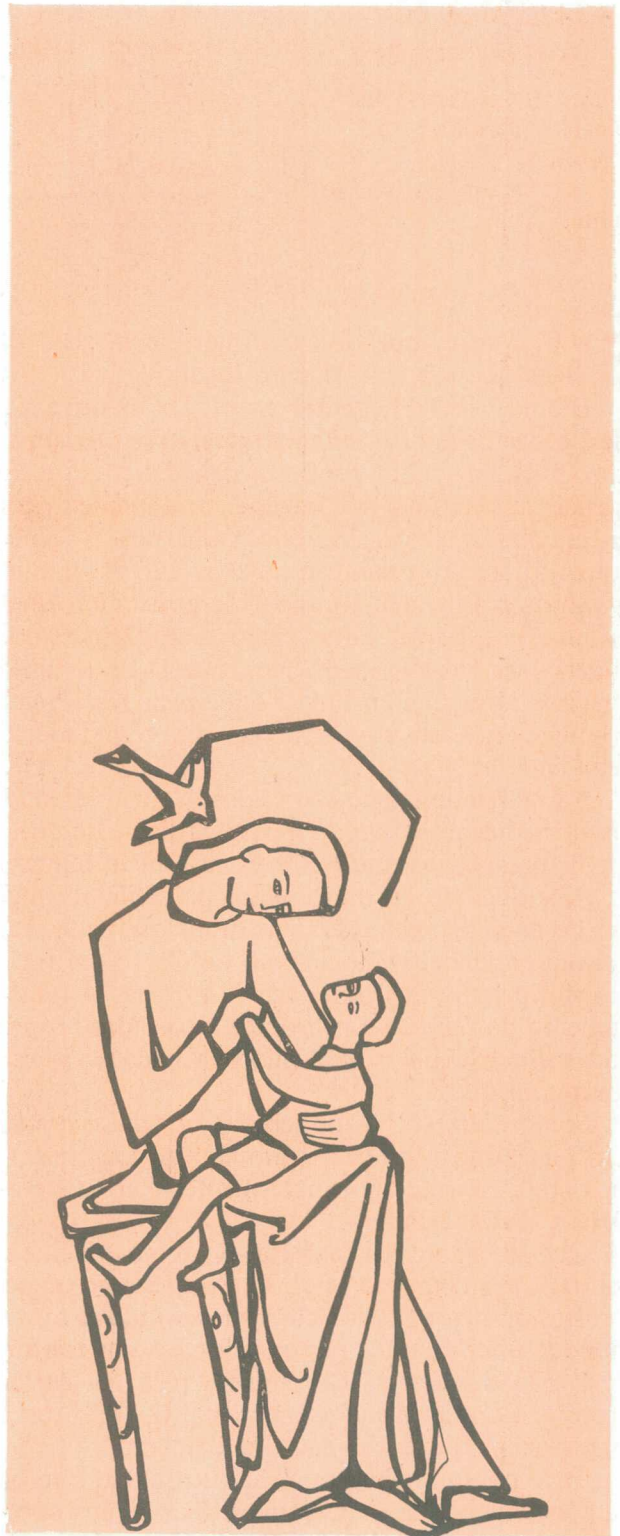
Severiano Rodrigues, cmf — Versão livre do espanhol por Pe. Elias Leite, cmf

SENHORA,
assim como se estivesse esperando
florir de meus lábios sorrisos sobre sorrisos,
e como se não tivesses preocupações de urgência,
mantém-me em teus joelhos,
buscando-me um entretenimento
neste brinquedo de sonhos...

Muito além dos gradis do Carmelo
me vem a salmódia — que nem arpejos —
anunciando-te, “Mãe cheia de santa *alegria*”.
Houve até um fradezinho humilde
que, de tanto ter os olhos límpidos,
revestiu todas as coisas da alegria de ser de Deus:
o *poverello* se meteu a fraternizar
e acabou por alegrar-se com o irmão lobo,
o irmãozinho jumento e a irmã gralha...

SENHORA,
nem sei por que me parece,
— mas, tenho lá as minhas dúvidas,
desde que ando só, pela vida —
que fui eu quem lhe cavou em mágoas e pesares
o sulco e o epíteto de “vale de lágrimas”.
Por isso, eu te confesso — num desabafo de filho —
quando te vejo de roxo e os olhos grandes de chorar,
até nem sei como dizer-te todos os dias
que és *a causa da minha alegria*...
Cheguei mesmo a pensar que esse duo todo teu
— alegrias e penas —
fosse como um duplo painel para ser colocado
de acordo com a cena do drama da gente.

SENHORA,
de Ti reclamo cinco minutos em que me podes fazer feliz.
Sorri o teu sorriso
e mesmo solta um riso claro de cascata cristalina
feito enxame de noviças em seus ludos vespertinos,
e põe minha alma ali.
Sinto voar dentro de mim
em volteios leves de paz
este meu canário da terra
querendo trinar-te quatro notas amenas,
aprendidas no ninho dos teus braços.
Maquila-me os olhos com a candura dos teus.
Alegra-me a vida com os maternais abraços.
Sê a barquinha azul dos meus marinheiros sonhos,
e cantarei para Ti — velas abertas — a preferida canção.
Solta agora o canarinho aquele,
tenho ciúmes na divisão dos teus cuidados
iguazinhos, entre nós dois.
quero-Te única para mim sozinho
e TU me bastas para recrear-me a vida.
Então serei feliz, FELIZ,
VIRGEM DA MINHA ALEGRIA.



A campanha de amor continua



A Campanha da Fraternidade, embora tenha sido lançada e incentivada na quaresma, ela continua. Enquanto houver irmãos perdendo a vida por falta do estritamente necessário, a alimentação por exemplo, haverá a necessidade de auxílio e de ajuda.

O jornal da arquidiocese de São Paulo, "O São Paulo", de 29 de março deste ano, traz na pág. 3 um artigo de Edegard Silva Júnior com o título "Nordeste; um matar de vida".

O articulista transcreve a carta da paraibana Luzinete que se corresponde com a irmã que mora em São Paulo.

A carta tem um discurso simples mas é profundamente real. Não descreve só a realidade dos problemas de uma pessoa mas também o sofrimento que existe na situação atual do povo do nordeste. É a seca, é a fome, é a vida que se esvai. Assim ela escreve.

"Saudações. É mais uma vez que ti escrevo pra responder a sua cartinha que veio me deixar muito contente em saber que está com saúde. Aqui nós estamos com saúde, só quem está preocupada é eu em ver tanto tempo ruim. Olha, Fia, aqui parece que vai ser mais ruim de que o ano passado, porque o ano passado a gente ainda tirou um pouco de legume e este ano a gente já plantamos, mas deu 15 dias de verão e o milho e o algodão morreu. Aí deu outra chuva, aí nós plantamos mas não choveu em cima. Aí a gente tá vendo que vai ser pior que o ano passado. As primeiras plantas de janeiro a gente perdeu. Olha, Fia, por mim eu não estava mais morando aqui. Aqui é um matar de vida. Eu tenho muita vontade de ir embora pra S. Paulo.

Se eu chegasse aí eu ia trabalhar ou em firma ou em casa de família. E eu sei que nós vivia mais melhor do que aqui dez vez mais. Adé fica com minhoca — tem hora que diz que vai e tem hora que diz que não vai mais.

Olha, Fia, fique sabendo que se esse ano não houver inverno vai morrer gente de fome. Eu sei que a primeira é eu, porque eu sou fraca.

Olha, Fia, aqui o povo tão quebrando as cidade todos os dias, porque os 15 mil só dá pra fazer uma feira. Eu estou com medo de começar uma guerra aqui na Paraíba. Aqui tem fome que só Deus é quem podia aumenizar o sofrimento dos paraibanos. O ganho não tem aumento.

Olha, Fia, aqui a gente compra uma feira que vem no saco o nome do governo da Paraíba. A gente compra por 4 mil cruzeiros. É 8 quilos de feijão, 5 de arroz e 5 de milho. O feijão é preto e só cozinha em panela de pressão. Olha, Fia, eu boto no fogo dez horas e vamos comer 6 horas e ainda está duro. O milho tem mais podre do que são. O arroz tem gosto de barata e a fome obriga a gente comer e ainda achar bom.

Vamos mudar de assunto: Fia, na firma que tu trabalha, pega mulher casada? E quanto ganha? Se desse

pra eu ir eu ia e era logo. Depois eu mandava buscar Adé. (...)

Forte abraço da sua mana tão ausente: Luzinete de Souza".

Por detrás destes acontecimentos vamos perceber uma estrutura político-econômica que não favorece o desenvolvimento pleno do povo nordestino. Pior, os mantém num regime de morte.

Mas como só o falar dos políticos ou de quem quer que seja, em nada ajuda aos nordestinos vítimas da falta de alimentos em consequência dos longos anos de estiagem, as dioceses estão desenvolvendo um trabalho fraterno (*) chamado "Igrejas-irmãs". É o esforço conjunto entre Igrejas do Sul e do Norte e Nordeste, em desenvolver e aplicar projetos simples, mas úteis, tais como irrigação e abastecimento.

Quem é sensível ao drama e à luta pela vida de nossos irmãos do Norte e do Nordeste do País não vai deixar passar essa oportunidade de ajuda, de contribuição e de fraternidade, sem adicionar o gesto concreto pessoal.

A campanha da fraternidade e do amor continua porque sempre existem pessoas que necessitam viver com mais dignidade. É a luta cotidiana para que todos tenham vida, e com abundância.

(*) Os leitores interessados em saber mais sobre alguns gestos concretos desse trabalho fraterno podem escrever para Frei João Xerri — Paróquia São Domingos — R. Caiubi, 164 - CEP 05010 SÃO PAULO, SP; e Ir. Maria Rosilene Parolin — R. Cardoso de Almeida, 1926 - CEP 01251 SÃO PAULO, SP.

FRATERNIDADE 84

Pe. André Carbonera, cmf



A realidade no cotidiano da vida do povo, nas cidades e no campo, é o sinal de que a vida está sendo desrespeitada e é o sintoma de que ela está desfalecendo. Importa não parar de lutar para que todos tenham vida mais condigna.

Claro! Ninguém deseja a repetição das coisas ruins.

Por outro lado, muitos suspiram pelo retorno das boas ocorrências.

Uma delas, sem dúvida: CAMPANHA DA FRATERNIDADE.

E ela voltou... Embalada, profunda, como de praxe.

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...” Beleza de eslogã!... Real. Altamente brasileiro (para não falar nos outros...). Questionante.

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Mas como terão vida, num país de miseráveis e esfomeados?...

Como haverá vida, se tantas crianças morrem de fome?...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Mas que vida, se não houver emprego e dinheiro?...

Vida!... Se infindas crianças são barbaramente assassinadas por pais e médicos?...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Sim, vida!... Numa nação de alquebrados, aleijados, fracos, subnutridos, desanimados...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Vida!... Com tanta gente fugindo das escolas, ou indo ao educandário apenas para comer?!...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Como são tratados os pobres pelos médicos e pelos hospitais?...

E adianta médico, se o coitado não puder adquirir os remédios?...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Vida em favela, ou, em barracos subumanos?...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Vida!... Crianças e jovens violentadas, até pelos pais... Pornografia... Nudismo... Rupturas matrimoniais...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Como o cidadão pensará em Deus, se a barriga estiver roncando de fome?... E se os filhos estiverem morrendo por falta de alimentos?...

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Mais uma Campanha da Fraternidade...

Ela nos chama a atenção.

Ela se dirige para todos os homens de boa vontade.

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Urge abrir o coração para os outros.

É preciso lutar por um mundo algo mais justo, mais humano, mais fraterno, mais pacífico, mais alegre!

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Todos podem fazer algo por todos...

Assim, muito mais gente terá uma vida mais decente e mais digna!

“PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!...”

Vamos arregaçar as mangas e batalhar?...

Por ora, fim de papo... Porém, QUE TODOS TENHAM VIDA!...



Ainda o boiadeiro

Pe. Isidoro De Nadai

Quando os direitos de Deus e dos pequenos são desrespeitados, é preciso lutar sem temor para restabelecer estes direitos.

Ao escrever “O Boi e a Boiada”, no número anterior, eu tencionava simplesmente apontar as perigosas ambigüidades de um ditado muito nosso, como também resgatar-lhe o aspecto positivo. Na realidade, todavia, ficou parecendo que tive o capricho de virar pelo avesso a expressão popular.

A versão que dei acabou parecendo mais uma paródia do que um comentário. Quase consegui dizer que é preciso dar um boi para entrar na briga e uma boiada para sair dela. E, no entanto, minha intenção não era esta.

Eu queria apenas mostrar, dentro do tema da indulgência e do perdão, que nem sempre se deve dar um boi para não entrar na briga, pois há situações que exigem entrarmos nela, e que quase nunca podemos dar uma boiada para permanecer ali.

Os casos em que devemos pagar para entrar na “briga” são especificamente aqueles em que são desrespeitados os direitos de Deus

e dos pequenos, que não têm como se defender.

Com isso não quis dizer, contudo, que devemos estar habitualmente a barganhar nossas reses por demandas. Seria péssimo negócio...

Ao contrário, o cristão normalmente deve se desfazer da boiada toda, se preciso for, para conservar a paz. Afinal, é ao manso e pacífico que o Senhor promete sua bem-aventurança, e não ao caçador de encrencas.

Em qualquer circunstância, é preciso esgotar todo o nosso arsenal de diálogo e de persuasão, antes de partir para o confronto.

Principalmente, quando se trata de agravos e ofensas pessoais, que não afetam o bem comum, devemos dar muitos bois para não topar a briga. Neste caso, o ditado é sovina, quando dá apenas um boi...

Ao afirmar que se deve dar uma boiada para não sair da briga, nossa expressão só é sábia se se trata de uma briga justa e ne-

cessária, e, ainda assim, só pelo tempo que seja necessária. Aí ela é um alerta contra a tentação do cansaço e do desânimo.

É má conselheira, porém, se pretende significar que podemos teimar na malquerença e no desejo de vingança, quando o mal já cessou.

Se é justo defender-se contra as maquinações do malvado ou do aproveitador, não é cristão marcar negativamente alguém pela vida afora, simplesmente porque nos fez uma ofensa, por mais grave que tenha sido.

Não é sensato perder nosso gado, para depois ficar com a pobreza maior de perder a paz. Não há nada mais corrosivo e destruidor do que o ódio.

Em resumo: a não ser que o bem e a justiça exijam o contrário, é preciso dar muitos bois para não entrar na briga e, desde o momento em que esta não mais seja necessária, é preciso dar uma boiada para sair dela.

Nem sempre nossos ditados são totalmente evangélicos...

DE ONDE VIM? PARA QUE NASCI? PARA ONDE VOU?

Aury Azélio Brunetti
Diácono Permanente

Todo ser humano - do mais simples e iletrado ao filósofo mais culto - reflete, em seu coração, sobre essas três perguntas fundamentais.

Questões metafísicas, que levam o homem a indagar sobre sua origem e destino; sobre o Sentido da Vida.

Inevitável opção: ou Deus... ou Nada...

Para os homens que se dizem — são-no de verdade? — ateus, materialistas, livres-pensadores e livres-gozadores da vida, o ser humano é como um desses astronautas satélites da terra, projetado qual meteoro velloz na abóbada azul do firmamento, anônimo grão de areia da poeira cósmica, perdido no espaço, num desbussolado “cooper” existencial... pois não sabe bem o que é, nem de onde veio, nem para onde vai... Um quase-nada no presente... entre o nada do antes... e o nada do depois...

Seduzidos pelas luzes da ciência, encantados escravos do Ter, despreocupados do Ser, esses homens da terra também pretendem “ser como deuses” (Gn 3,5), dando ouvidos e



coração à mesma tentação insuflada pela serpente ao primeiro casal humano.

Lutam eles por fazer deste mundo o seu paraíso, a Cidade dos Homens, o céu terreno, onde tudo não passa de evolução da matéria, onde inexistem Deus e alma imortal, onde “Religião é ópio do Povo” e o destino único da aventura humana é tentar viver uns tantos anos de estonteante progresso e de gozos materiais.

As Sagradas Escrituras descrevem assim essa espécie de homens sem ou contra Deus: “o seu deus é o estômago” (Fl 3,19), ou o sexo, o poder, o prazer, o dinheiro, a ambição... Seu ideal? — “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos” (Is 22,13).

Mas a realidade da vida é bem outra, e grita mais alto: ou Deus... ou a dúvida existencial, a angústia profunda, o vazio desesperador. Ou a Fé — “essa inteligência do coração” (Albert Plé), que faz do homem um ser-diante-de-Deus... ou o nada e a solidão total, que induzem o homem a “considerar este mundo como a tragédia do absurdo” (Karl Rahner), agravada agora com as ameaças de uma hecatombe nuclear.

“Não há sentido no mundo do ateísmo” (Raymond Aron). “No lugar onde não há mais Deus, também não há mais homem” (Berdiaev). Deus é a única resposta satisfatória à solidão do ser humano. “Deus é como o pão; não se pode viver sem Ele” (C.V. Gheorghiu).

O Catecismo responde

Os discípulos de Cristo — até mesmo as crianças — encontram, nas primeiras páginas do Catecismo da Doutrina Cristã, as respostas — as únicas possíveis — às três questões fundamentais que abrem esta reflexão.

De onde vim? — “Deus criou o mundo com um simples ato de sua vontade... Os entes mais perfeitos que Deus criou foram os anjos e os homens... O homem é uma criatura racional, composta de alma e corpo... A alma do homem é um espírito livre e imortal, criado à imagem de Deus... A alma do homem é imagem de Deus porque é capaz de conhecer, amar e agir livremente”.

Para que nasci? Para onde vou? — “O homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus neste mundo... e ser feliz com Ele, para sempre, no outro”.

A CF/84 proclama a vida plena

A Campanha da Fraternidade deste ano ressalta que Deus, em seu Plano Divino, quis dadiar ao homem uma Vida plena e feliz, concedendo-lhe participar, de um modo finito, da sua própria Vida Divina e Infinita, através da Graça Santificante, na Fé, Esperança e Caridade. É desta Vida Plena e Feliz que Jesus fala em seu Evangelho: “Eu vim para que todos tenham a Vida; e a tenham em plenitude” (Jo 10,10).

Vida plena e feliz — insiste a CF/84 — já nesta terra; de bem-estar geral e de santas alegrias a preludiar a felicidade eterna do Céu, “onde Deus será visto face a face” (1Cor 13,12), entre extasiantes e “jamais vistas nem ouvidas maravilhas que Deus preparou para aqueles que O amam” (1Cor 2,9).

Vida plena e feliz que Deus dadi-

vou e continua oferecendo a todos os homens, pois "Ele jamais se arrepende do que faz e do que dá" (Rm 11,29). Vida, alegria e felicidade de amor, prelibadas aqui na terra e perpetuadas depois no Céu, onde subsistirá, para sempre, a mesma divino-humana Alegria-Êxtase do Amor: Amor que nos faz imagens de Deus, "que é Amor" (1Jo 4,8); "Amor tão forte quanto a morte" (Ct 8,6); Amor que "jamais há de passar" (1Cor 13,8).

Ou Santos... ou Loucos...

Da premissa "ou Deus... ou Nada..." irrompe, lógica e prática, a conclusão: logo, "ou Santos... ou Loucos..."

Porque isso é santidade: realizar o Plano de Deus; procurar sempre a Deus, como Princípio e Meta de tudo e de todos, como o Êxtase supremo e infinito de amor. Ser santo é proclamar e promover a Vida Plena e Feliz, natural e sobrenatural... aqui e agora, já neste mundo, como enfatiza a Campanha da Fraternidade.

Ao concluir esta reflexão, ofereço à meditação do prezado leitor os versos do renomado dramaturgo-poeta e clássico da literatura espanhola, Lope de Vega, que soube dar, com arte, uma resposta certa à fundamental pergunta — *Para que nasci?*:

*"Yo para que nací? — Para salvarme!
Que tengo que morir es infalible!
Desear de ver a Dios y condenarme triste cosa será, pero posible!
Posible! Y río, y duermo, y quiero holgarme!
Posible! Y tengo amor a lo visible!
Que hago? En que me ocupo? En que me encanto?
Loco debo ser, pues no soy santo!"*
(Lope de Vega)

Eu para que nasci? — Para salvar-me!
Que tenho de morrer é infalível!
Deixar de ver a Deus e condenar-me triste coisa será, porém possível.
Possível! E vivo a rir... a dormir... gozando a vida...
Possível! E vivo apegado ao que é visível!
Que faço? Em que me ocupo? Com que me encanto?
Louco devo ser, pois não sou santo!

MEIOS DE COMUNICAÇÃO: ONDE A VIDA E A MORTE SE CONFUNDEM

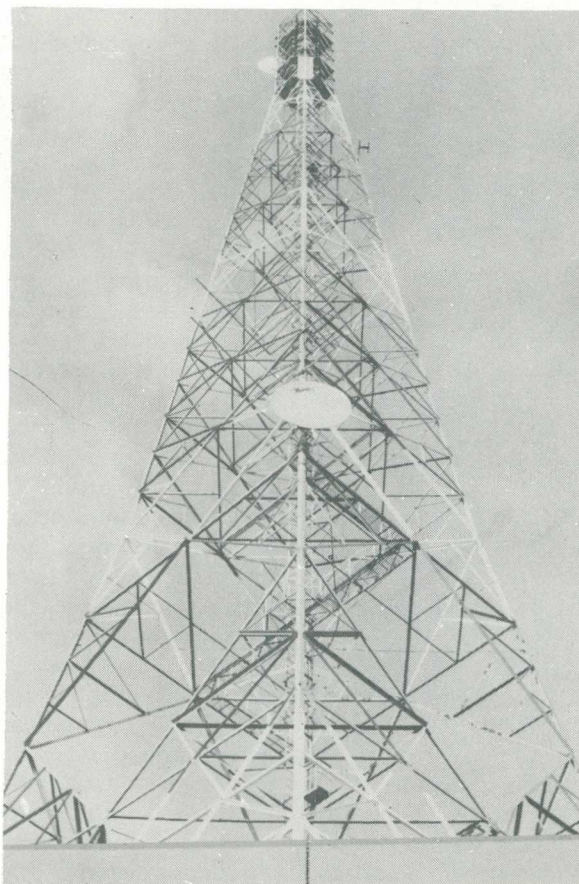
Ana Valim

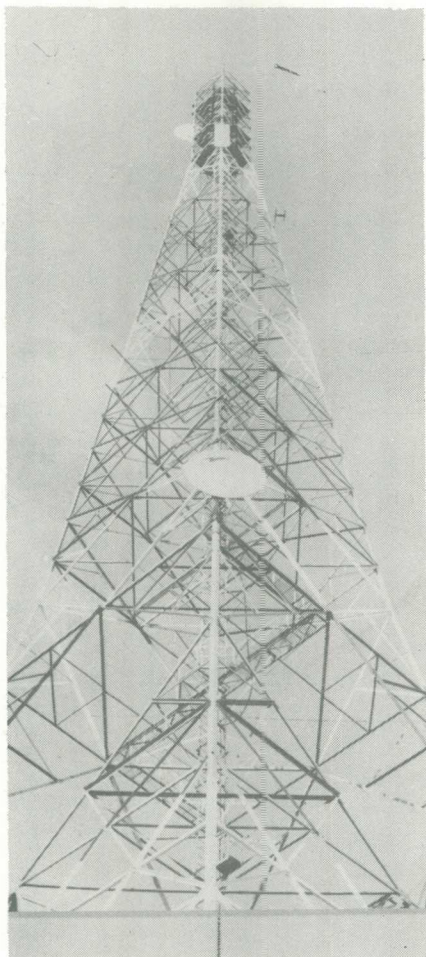
*"Uma notícia tá chegando lá do Maranhão,
não deu no rádio, no jornal ou na televisão,
veio no vento que soprava lá no litoral,
de Fortaleza, de Recife e de Natal.*

*A boa-nova foi ouvida em Belém, Manaus,
João Pessoa, Teresina e Aracaju
e lá do Norte foi descendo pro Brasil central
chegou em Minas, já bateu bem lá no Sul.*

*Aqui vive um povo que merece mais respeito, sabe?
e belo é o povo todo amor
aqui vive um povo que é mar e que é rio
e seu destino é um dia se juntar"*.

(Milton e Brant)





No dia 5 de maio comemoramos o “Dia Nacional das Comunicações”. Como se sabe, os meios de comunicação de massa (rádio, televisão,

imprensa, teatro, cinema...), de um modo ou de outro, estão presentes nos vários aspectos da vida das pessoas e exercem sobre elas, como afirma o documento de Puebla, de maneira consciente ou subliminar, uma influência decisiva. Seriam os meios de comunicação instrumentos de vida ou de morte? Esta e outras questões foram temas de entrevista feita com o Pe. Atílio Hartmann, coordenador regional de Comunicação da CNBB, e com o jornalista Ricardo Kotscho, repórter especial da Folha de São Paulo.

Vida e morte se confundem

O documento de Puebla aponta os dois extremos dos meios de comunicação: “Reconhecemos que os meios de comunicação social (MCS) são fatores de comunhão e contribuem para a integração latino-americana, como também para a expansão e democratização da cultura; contribuem ainda para o lazer especialmente das pessoas que vivem longe dos centros urbanos...”; por outro lado, “Apesar dos aspectos positivos assinalados, devemos denunciar o controle dos MCS e a manipulação ideológica exercida pelos poderes políticos e econômicos... A exploração das paixões, dos sentimentos, da violência e do sexo, com fins consumistas, constitui flagrante violação dos direitos individuais”.

Basta ligar a televisão ou o rádio, ou abrir o jornal para que uma enxurrada de informações, deturpadas ou não, penetre nas consciências. Cabe a quem as recebe perceber nelas sinais de vida ou de morte; sinais de morte num fato de vida, ou sinais de vida num fato de morte.

Segundo Atílio Hartmann, os meios de comunicação são sinais de vida à medida que o povo busca neles um espaço de participação. “Deveriam ser uma espécie de caixa de ressonância do povo em sua luta pela libertação”, embora eu não acredite que o rádio ou a televisão tenham por objetivo a organização do povo”, acrescentou.

Por outro lado, Atílio Hartmann ressaltou o fato de que mesmo contrariando, muitas vezes, a filosofia dos donos das emissoras de rádio e tv

ou de jornais, são jogadas para o público notícias que acabam por incentivar a organização popular. É o caso de notícias como aquela de populares que, não suportando mais os constantes acidentes de trânsito e a indiferença das autoridades, acabaram quebrando o asfalto para resolverem o problema de atropelamentos no local. Notícias como estas, afirmou Hartmann, inspiram outras comunidades e acabam até conseguindo tirar as autoridades de seu comodismo.

Como afirmou também o jornalista Ricardo Kotscho, existem sinais de esperança na imprensa. Segundo Kotscho, do final do ano passado para cá, na Folha de São Paulo, por exemplo, os fatos ruins começaram a dar lugar a notícias sobre experiências comunitárias, tipo compras comunitárias, a adoção de uma família de desempregados por cinco famílias de empregados. “A imprensa não pode mudar a realidade — alegou o jornalista — mas pode fortalecer as experiências populares, como, por exemplo, o incentivo às eleições diretas”.

Papel profético

De acordo com Atílio Hartmann, os meios de comunicação já estão abrindo um espaço para a participação popular, “já estão tendo papel profético”. Hartmann ressaltou a caminhada pelas diretas, que no início era assumida pela minoria das emissoras de TV, sendo que atualmente é a pauta do dia em todas elas. Como causa disso, Atílio Hartmann aponta dois argumentos: a exigência do público em torno de determinados assuntos e o modismo histórico (se uma emissora abre espaço para se falar de diretas, as outras fatalmente abrirão para não perderem ponto diante do público). Com isso, ainda que não seja o objetivo dos donos das emissoras de televisão, elas acabam sendo um serviço de utilidade pública. Neste sentido, segundo Hartmann, se compararmos a televisão de há seis anos atrás, em termos de massa, no Brasil, houve um aumento significativo não só na quantidade de público, como na qualidade das programações.

Hartmann enfatizou ainda que os meios de comunicação podem ser sinais de vida ou de morte de acordo

com o tratamento que é dado à matéria por esta ou aquela emissora. Ele citou a tragédia de Cubatão que foi levada ao ar pelas diversas emissoras de TV: a Globo simplesmente noticiou o fato, com tendências a promover a Petrobrás, deixando sempre no ar a promessa da empresa em assumir os prejuízos junto às famílias atingidas; na Bandeirantes, logo depois, as imagens e toda a reportagem sobre a tragédia foram retomadas e analisadas pelo jornalista Joelmir Beting, sem proteger a Petrobrás. E neste último caso, afirmou Hartmann, uma notícia de morte acaba expressando sinais de vida, porque alerta para as miseráveis condições de vida que grande parte da população é obrigada a viver, onde a vida está por um fio.

Faltam profissionais

De acordo com Ricardo Kotscho, o problema maior nos meios de comunicação no que diz respeito à falta de informação e apoio aos movimentos e experiências populares está nos próprios profissionais de imprensa que, segundo Kotscho, se recusam a trabalhar no meio do povo, preferindo fazer suas matérias por telefone. Há vinte anos o jornalista Ricardo Kotscho converge suas matérias não só para a denúncia de problemas sociais, como também para o apoio e divulgação de experiências populares em busca de uma solução para os problemas. E é o Ricardo mesmo quem diz que sua maior frustração é não conseguir “vender essa idéia para mais gente”.

Por outro lado, está faltando garra para os jornalistas, assegurou Kotscho, para quem jornalismo não é só escrever, mas “discutir com as bases. “Se não for assim — acrescentou —, melhor ganhar dinheiro em outro lugar”. Para Ricardo Kotscho a função social do jornalista é muito grande, pois existem muitos canais que podem ser utilizados para se passar informações. “As coisas que não aparecem nos jornais, não há ditadura que consiga impedir que sejam passadas num bate-papo com os vários grupos populares”. E ressaltou: “Isto dá mais trabalho, porém dá uma satisfação muito maior”.

Ricardo admitiu que existe censura nos meios de comunicação, porém

“depende muito da vontade de brigar dos jornalistas”. Disse ainda que ninguém tem liberdade absoluta; o negócio é forçar até o limite: “O jornalista pode não conseguir escrever tudo o que pensa, mas nunca pode escrever o que não pensa”. Na Globo, por exemplo, segundo Kotscho, uma mobilização por parte dos jornalistas que estavam sofrendo represálias da população pelo simples fato de serem da Globo (que em geral não leva ao ar o que realmente interessa) conseguiu abrir espaço maior para as reportagens. Segundo Ricardo Kotscho, o importante é lutar sempre por maior espaço, porque, como disse, “É lógico que não vão abrir todo o espaço o tempo todo”.

Diante de todo um trabalho jornalístico a partir de uma vivência mais chegada ao povo, Ricardo Kotscho se considera um profissional “Feliz pra burro, porque é ótimo trabalhar com a base e, além disso, ganhar pelo trabalho feito”.

MCS nas mãos da Igreja

É lamentável o desperdício da Igreja e entidades afins no que se refere à comunicação, principalmente no rádio e na televisão. Segundo o padre Atílio Hartmann, a Igreja tem hoje 130 emissoras de rádio no Brasil e não está fazendo muito ou quase nada com todo esse potencial. Como alegou Hartmann, a Igreja tem medo de tomar posição — “E não me pergunte por quê? — acrescentou. Disse ainda que as emissoras comerciais leigas estão levando proposta muito mais libertadora em suas programações que as emissoras da Igreja, “em geral, repetidoras do sistema”.

Por outro lado, Atílio Hartmann criticou a forma como é utilizado o espaço na TV para as missas dominicais. Segundo ele, a celebração se apresenta alienante e não contribui para um crescimento da vida em comunidade.

Analisando a evangelização no contexto dos meios de comunicação social, o próprio documento de Puebla alertou para o aproveitamento inadequado destes meios por parte da Igreja: “Existe insuficiente aproveitamento das ocasiões de comunicação, que normalmente aparecem na vida da Igreja, e dos meios e recursos próprios, como ainda uma

utilização incompleta das oportunidades de que se dispõe nos meios pertencentes à Igreja ou influenciados por ela; onde existem, não são integrados entre si nem na pastoral de conjunto. Salvo raras exceções, não existe ainda na Igreja da América Latina uma verdadeira preocupação em formar o povo de Deus na comunicação social e capacitá-lo para manter atitude crítica diante do bombardeio dos mídia e para defender-se do impacto de suas mensagens alienantes, ideológicas, culturais e publicitárias”.

Diante disso, a própria Igreja, através do documento “A pessoa receptora das comunicações sociais”, da Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social, propõe soluções para melhorar a qualidade das programações que são levadas ao ar, quer por emissoras leigas, quer por emissoras da Igreja. O documento diz o seguinte: “O papel do público, no sentido de melhorar a qualidade das transmissões, é mais decisivo do que à primeira vista se pode supor... Se o público se limita, com efeito, a receber, passivamente, as comunicações, inúteis serão os esforços dos comunicadores para estabelecer um diálogo; teremos corrente em um só sentido”.

“O público assume um papel ativo no processo de comunicação social, sempre que criticamente julgar as notícias recebidas, tendo em conta a sua fonte e contexto... É certo que os indivíduos que constituem o público pouco poderão fazer, isoladamente. Mas, em conjunto, é grande a sua força”.

Material popular

Se, de um lado, os meios de comunicação social convencionais, muitas vezes, querem mais é engolir o povo, de outro, vem surgindo, já há alguns anos, um novo tipo de comunicação: são os folhetos, as cartilhas, os jornaizinhos de bairro, de grupos, que, na verdade, representam e falam da caminhada do povo. Todo este material, chamado popular, vem marcando os últimos anos da história do nosso povo. É cedo ainda para analisar toda a sua importância, mas certamente são livretos de “sabedoria”, sinais de vida e esperança na busca da libertação.

DIREITOS HUMANOS

5



A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir sobre os Direitos Humanos.

ARTIGO V. Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Não oprimas a teu irmão (Lv 25,14).

Também soldados lhe perguntaram. E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa (Lc 3,14).

Se um ladrão ou um salteador é apanhado e nega aquilo de que o acusam, afirmais entre vós que o juiz deve quebrar-lhe a cabeça a pancadas e atravessar-lhe as ilhargas com pontas de ferro, até que ele confesse a verdade. Isso não o admite nem a lei divina nem a humana. A confissão não deve ser forçada, mas espontânea. Não deve ser extorquida, mas voluntária. Se acontece, enfim, que, depois de ter infligido tais penas, não descobris nada daquilo de que culpais o acusado, não tereis vergonha ao menos nesse momento e não reconheceréis quão ímpio foi o vosso juízo? Do mesmo modo, se o culpado, não podendo suportar tais torturas, confessa crimes que não cometeu, quem, pergunto eu, fica com a responsabilidade

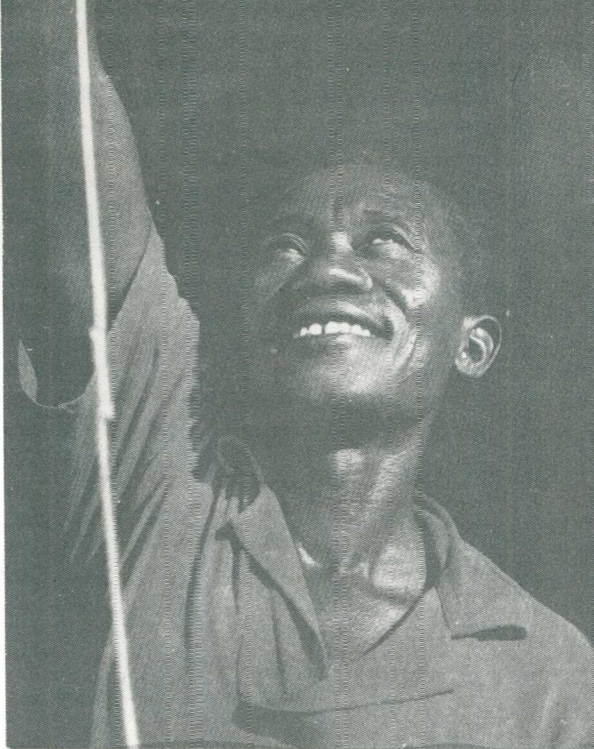
de tal impiedade senão quem o constrangeu a essa confissão mentirosa? Mais. Todo mundo sabe que se alguém diz com a boca o que não tem no espírito, não confessa, fala. Abandonai tal procedimento. Amaldiçoaí do fundo do coração o que tivestes a loucura de praticar até agora (Nicolaus I, Papa, *Resposta ad consulta Bulgarorum*, Ano 866).

Dadas as trágicas dimensões da tortura em nosso mundo, instamos as Igrejas a usarem este ano do trigésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos como ocasião especial para tornarem públicas a prática, a cumplicidade e a propensão à tortura existentes em nossas nações. A tortura é epidêmica, é gerada no escuro, no silêncio. Conclamamos as Igrejas a desmascaram a sua existência abertamente, a quebrarem o silêncio, a revelarem as pessoas e as estruturas de nossas sociedades responsáveis por estas violações dos direitos humanos que são os mais desumanizantes. (*Declaração do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas*, Genebra, 1977).

Sl 119,134 — Pv 3,31; 14,31 — Mt 5,38 — Hb 3,8.

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

- 1 — *Você conhece alguma pessoa que está sendo oprimida, física, moral, psicológica ou espiritualmente?*
- 2 — *O que vamos fazer para libertar esta pessoa da opressão?*



ERGUE-TE, NEGRO

Carlos Antônio Pereira, cmf

Desdê 13 de maio de 1888 (e antes ainda) as pessoas de pele escura lutam pela liberdade de ser e viver. Num contínuo reerguer-se, ele deve lutar com coragem por seus direitos de cidadão do mundo.

Parece inegável, desde a perspectiva histórico-sociológica, que o negro ainda é sujeito a outrem, negro de aluguel, negro de ganho. Marcado a suor e sangue, não tem lugar ao sol, é um despossuído histórico. Se se deixa dominar pelos radicais demagógicos oportunistas, ele é bom; do contrário, deve ser banido do meio em que vive.

É impossível prognosticar até onde ou até quando persistirá esse tipo de segregação. O fato é que ele domina o panorama atual. O negro é atochado cada vez mais, abandonando, contendo ou ignorando os propósitos de auto-identificação como parte de uma categoria racial.

Diante do contexto histórico-social, já caracterizado, o estudo do fenômeno me interessa por duas razões. De um lado, para se saber como o negro está se comportando diante das oportunidades crescentes de participação econômica e cultural da vida social ativa; ele precisa vencer a adversidade a si próprio e a resistência

do branco para lançar-se na torrente social. De outro, para se determinar, indiretamente, o grau de intensidade com que os efeitos espontâneos da expansão da ordem social competitiva tendem a contribuir para a democratização das relações raciais. Isto não quer dizer ausência de preconceitos e de discriminações; pelo contrário, quer, justamente, desmascará-los; porque existe um "padrão branco" de comportamento; quem sai dele não sobe na vida, visto que os valores, a cultura, a moral e a religião são os do branco. Desta maneira, embranquecer se tornou obsessão dos que esperam dias melhores. O que acaba conferindo ao negro uma dupla personalidade.

Destarte o que antes podia ser dissimulado precisa vir à luz, para elevar-se à esfera da consciência, da discussão e da crítica. Ninguém deve envergonhar-se desses fatos.

Negro é gente e não tem que andar diferente dos outros.

Negro que sofre fortes e constan-

tes pressões assimiladoras e, ainda que as responda através de aspirações integracionistas ainda mais fortes e constantes, não encontra vias adequadas de acesso às posições e aos papéis sociais do sistema societário global. O negro, pois, não vê probabilidade de irromper na cena histórica como gente, com novas frentes de apoio societário para competir e vencer.

O que precisamos é, neste instante em que turbilhonam e agitam-se na terra as idéias mais díspares, manter-nos num estado de crença constante pela jornada árida em que nos propomos marchar para restaurar os direitos de vida que os nossos avós cimentaram com sangue. A libertação final e total do negro aparece, assim, como uma exigência da situação histórico-social.

Coragem, coragem, negro! Vamos ver no espelho nossa própria face e "possuir a estranha mania de ter fé na vida".

Ergue-te, negro! Empunha a tocha do saber e ilumina a senda por onde hás de transitar. Mostra ao mundo que também és forte, bonito, inteligente e capaz de realizar coisas dignas de nossa raça. Revela teus pendores, tuas criações, tuas necessidades e faze-te credor do próprio progresso. Sacode de teus ombros o peso das agruras e faze do passado motivo de evocação e glória imorredoura.

"I want my freedom now", clamou Luther King.

ERGUE-TE, NEGRO!



O livro escolar e as desigualdades sociais (II)

Sílvia Cintra Franco

A ideologia que perpassa pelas páginas dos livros escolares ainda é a da não fraternidade, onde negros, índios, idosos e mulheres são marginalizados e desqualificados. É esta educação que queremos para nossos filhos?

Falar em livro escolar e desigualdade social, arrolando estes dois tópicos no mesmo título, parece, à primeira vista, dissonante e com um sabor algo radical.

No entanto, todos aqueles que passamos pela cartilha e pelos enfadonhos ou não tão enfadonhos livros escolares, guardamos algumas lembranças desses companheiros de infância. As ilustrações, por exemplo. Algumas eram muito canhestras, outras mais caprichadas, mas, qualquer que fosse o tipo de livro, apresentavam todos um mesmo denominador comum: o negro, o índio e o mestiço eram minimamente representados.

Pesquisas realizadas apontam que para cada personagem não-branco são apresentadas 21 figuras de brancos, sendo que o negro aparece frequentemente exercendo atividades humildes ou como escravo. Os livros de história, estes, são de uma originalidade a toda prova: entra edição, sai edição, e os negros são sempre apresentados naquelas célebres gravuras de Rugendas ou Debret, vasilhas de água às costas ou em qualquer outro trabalho servil. Ao que tudo indica, os autores de livros escolares ainda não se deram conta de que o negro e o mestiço compõem uma importante parcela da população brasileira.

E os índios? São apresentados invariavelmente com arco e flechas na mão, como seres desprovidos de inteligência e cultura própria. Um desrespeito total.

Os idosos são frequentemente apresentados como uma carga inútil que cabe à família aturar. Outro total desrespeito.

E a mulher? Numa análise de 531 histórias presentes em 48 livros didáticos, a pesquisadora Regina P. Pinto constatou que 74% delas eram referentes a homens e apenas 26% a mulheres. Isto quando o último censo registra que a população brasileira se compõe de mais de 51% de mulheres. Pasmem!

Assim, o que se constata é que o livro escolar vem funcionando como um elemento seletivo, mantenedor das desigualdades sociais, valorizando diferentemente as categorias sociais, discriminando as minorias, os idosos, as mulheres e deles apresentando imagens estereotipadas e simplificadas.

No retorno às aulas, nossos estudantes voltarão a aprender nos livros escolares muitas coisas, entre elas que o negro é inferior, o índio um resquício da época colonial e a mulher, uma parcela mínima e sem representatividade.

Deus nos acuda: só espero que os estudantes brasileiros tenham algum tempo para levantar os olhos de seus livros e possam constatar que a realidade é muito diversa daquela apresentada nas páginas didáticas. (Plana).

A Stylus lhe oferece:



Cr\$ 110.000,00 MENSAL

- AMBOS OS SEXOS
- TRABALHO FÁCIL E LUCRATIVO
- PODERÁ SER FEITO NAS SUAS HORAS VAGAS
- BASTA SABER LER E ESCREVER
- NÃO COBRAMOS TAXA DE INSCRIÇÃO E VOCÊ RECEBERÁ O SEU MATERIAL TOTALMENTE GRÁTIS

MANDE SEU NOME E ENDEREÇO COMPLETO PARA:

STYLUS LTDA
CAIXA POSTAL n.º 3330 -
DEPTO AM-1
CEP: 01051 - SÃO PAULO - SP

Grátis

**1 Camiseta +
1 chaveiro micro-bíblia,**
basta você nos enviar nome e endereço de uma pessoa interessada em trabalhar conosco. (envie-nos o n.º de sua camiseta e data de seu nascimento).

Essa oportunidade é válida para todo o Brasil.

Crescimento demográfico - controle de natalidade e "Humanae Vitae"

Enrique Briozzo

O contínuo crescimento populacional tem trazido problemas para os governos e preocupações para a Igreja. O controle da natalidade aparece como uma alternativa, mas qual o caminho moralmente justo a seguir? A "Humanae Vitae" deu um passo importante, mostrando o valor da vida humana e o valor de amar. A questão continua desafiadora.

Hoje a Igreja, no mundo todo, de uma forma ou outra está enfrentando os mais diversos desafios, entre os quais podemos citar — pela sua grande importância para todos os países e de modo particular os do Terceiro Mundo — o do crescimento demográfico encarado sob o ponto de vista cristão.

Uns dez anos atrás, quando foi lançada a encíclica *Humanae Vitae*, parecia preponderar o desafio anti-concepcionalista, e todos os últimos pontífices até o atual tiveram que lhe prestar uma atenção oficial e solene.

A encíclica HV pretendeu tratar e solucionar a questão com êxito. E nos permitimos perguntar: conseguiu seu objetivo?

I — Inicialmente trataremos de situar a encíclica no seu verdadeiro contexto histórico, para assim poder julgá-la melhor nos seus acertos e nos seus desacertos.

Até o nosso século XX a Moral tinha orientado a sexualidade humana quase que única e principalmente com vistas à geração. Com o surgimento e a imposição de uma nova mentalidade de sexualidade na sociedade, a Moral viu-se, a essa altura, sem resposta às oposições e sem força para a reprovação. Os conselhos e as leis praticamente tornavam-se inócuos diante da avalanche de hedonismo que invadiu o mundo pós-guerra.

Os novos tempos exigiam novos estudos. Foi diante dessas exigências que a *Humanae Vitae* apareceu, definindo de maneira mais atualizada, clara e oficial a doutrina da Igreja.

Em 1909 na Bélgica, encabeçada pelo cardeal Mercier, dá-se a primeira condenação de práticas conceptivas.

Em 1930 a Igreja, na pessoa de Pio XI, seu máximo representante, oficializa publicamente sua posição em matéria de matrimônio com a encíclica "Casti Connubii"; mesmo mantendo a posição tradicional de que o matrimônio ordena-se antes de tudo à procriação e à criação dos filhos, já admite a possibilidade de que possa chegar a ser, também, uma COMUNIDADE DE VIDA.

Já em 1951 o papa Pio XII eleva à categoria de princípio a licitude da *Paternidade Responsável* e, mediante o controle, abstenção ou pelos períodos agênicos: ou seja, tempos inférteis.

Só que já eram muitas e fortes as tendências populares em voga na aplicação de outros métodos para contornar o problema do controle; e dentre todas essas tendências a que mais ganhou adeptos foi a regulação hormonal por meio das pílulas. Já no pontificado de João XXIII, a Igreja trata então de dialogar com esse mundo que se SECULARIZAVA em ritmo acelerado.

Como consequência desta aproximação, no seio da própria Igreja começaram a aflorar idéias, atitudes e comportamentos mais diversos.

Por volta de 1965 o Vaticano II

trata a questão de princípio ao afirmar enfaticamente que "o Matrimônio não tem sido instituído somente para a procriação, senão que a própria natureza do vínculo indissolúvel entre as pessoas e o bem da prole requer que também o amor mútuo dos esposos se manifeste, progrida e amadureça ordenadamente" (*Gaudium et Spes*, 50).

Não obstante, o Vaticano II não trata em absoluto da questão dos métodos do controle da natalidade. Deixou esta tarefa ao encargo do Papa.

Em 1968 o papa Paulo VI cumpre o solicitado pelo Concílio e escreve a encíclica *Humanae Vitae*, também conhecida como a "Encíclica do controle da natalidade".

II — Alguns aspectos positivos da encíclica:

Embora a HV seja tradicional no referente à regulação dos nascimentos, é moderna no referente aos outros muitos elementos relativos ao matrimônio e à família.

Isto a tornou muito polêmica e controvertida, visto que, no mundo profano e no seio da própria Igreja no final dos anos 60, tinham chegado ao auge muitas novas correntes de pensamento.

1. O amor conjugal é apresentado como amor plenamente humano. E o matrimônio é, antes de tudo, uma *Comunidade de Amor* em todos os seus aspectos humanos e espirituais.

A relação conjugal deve testemunhar o amor mútuo e deve salvaguardar a fidelidade.

2. Já não se recomenda a abstenção do ato conjugal como meio de regulação da concepção.

3. A Paternidade Responsável é uma exigência e um dever dos casais, e deve-se adquirir consciência clara disso.

4. Por razões físicas, econômicas, psicológicas e sociais pode-se decidir responsabilmente não ter mais filhos tanto por tempo determinado ou como período indeterminado.

5. Quanto aos métodos práticos para realizar esse espaçamento ou essa negação total da prole, a HV rejeita todo método que interrompa diretamente o processo gerador ou inviabilize a procriação temporal ou definitivamente.

6. Admite como lícitos os meios terapêuticos verdadeiramente necessários e os ciclos naturais inerentes às funções geradoras.

7. O comportamento sexual tem de ser verdadeiramente humano, livre, responsável e conforme uma consciência bem formada.

8. A HV preveniu contra os riscos que contêm os demais métodos ainda na ordem física, psíquica e econômica. E previne sobretudo contra o perigo da manipulação da vida matrimonial e familiar por parte de organismos públicos e outras instituições.

9. Na ordem eclesial a *Humanae Vitae* tem contribuído, ainda, no esclarecimento e melhoria das relações do Papa com o povo. Colaborou também com a sua mensagem na renovação do cristianismo e no questionamento sobre o verdadeiro SER do cristão.

10. Ao mesmo tempo, com esta encíclica deixou bem claro o que o Concílio Vaticano tão sabiamente ensinou, ou seja: o valor da pessoa humana e as decisões que, em consciência, forcem essa pessoa diante de indicações de qualquer autoridade.

III — Problemáticas a elucidar

A encíclica *Humanae Vitae* visou esclarecer toda a problemática em torno da questão dos métodos de regulação da natalidade.

1. A encíclica não faz distinção entre a regulação da concepção antes da própria concepção e o controle após a concepção. Pois os planifica-

dores da natalidade ou da demografia frisam muito a diferença que existe entre os métodos para abortar e os que somente impedem a concepção. A encíclica, contudo, enfrenta a uns e a outros firmemente, com algo importantíssimo e fundamental: o valor sagrado da vida, quer a interrompam quer a impossibilitem.

2. Este posicionamento da encíclica faz que ela entre, de certa forma, em confronto violento com os princípios já oferecidos como legítimos pelo Concílio e a evolução histórica de que o ato conjugal tem muitos outros valores tão legítimos e atendíveis como o é a geração. E que a relação conjugal não recebe seu sentido integral de sua subordinação constante à procriação. Em cada ato conjugal deve-se integrar personalisticamente o sentido INDIVIDUAL (amor), o SOCIAL (geração) e o CULTURAL ou SAGRADO (reprodução da relação — Cristo — Igreja). Pode haver às vezes motivo ou razões de ordem econômica, psicológica, etc... que desaconselhem a orientação social do ato conjugal.

3. A encíclica nega também ao homem o poder de estruturar essa ATIVIDADE, criando esse direito e usando-o em todas as demais atividades humanas. Para isso Deus o fez semelhante a ELE. E por que no ato conjugal cabe ao homem "submeter-se" e em todas as demais ordens Deus lhe concede o poder de "dominar" con-

forme a sua razão, consciência e liberdade?

4. Esta razão faz com que muitos cientistas pensem que a MORAL tem a faculdade para proporcionar PRINCÍPIOS, porém, não "práticas". Que ultrapassa a capacidade ou faculdade do moralista julgar pertinentemente os métodos concretos que o homem deve usar.

São os esposos que hão de se valer séria e responsabilmente dos métodos que mais e melhor se harmonizem com os princípios morais que a profissão e a maturidade da fé lhes ditam.

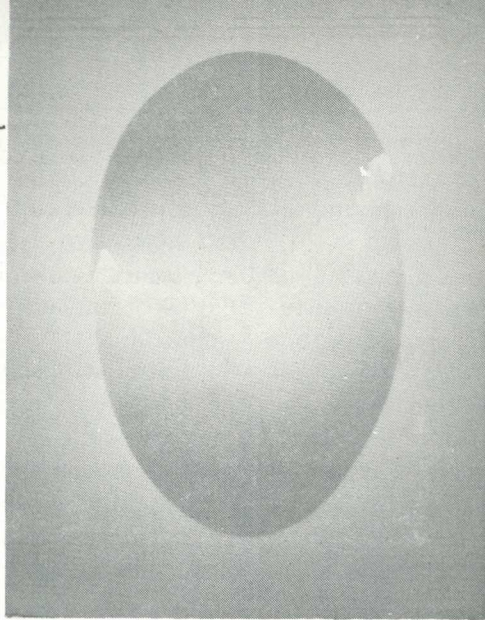
5. A própria encíclica *Humanae Vitae* reconhece implicitamente que não está tudo esclarecido neste assunto, ao dirigir um apelo às AUTORIDADES PÚBLICAS, aos HOMENS DE CIÊNCIA, aos próprios esposos, médicos, sacerdotes, bispos e aos homens de boa vontade. As LEIS DA NATUREZA hão de ser observadas com INTELIGÊNCIA E AMOR.

Há, porém, condicionamentos de ordem econômica, cultural e social, que terão de ser considerados previamente. E os há também de ordem moral e religiosa.

É necessário, portanto, amadurecer como pessoas e como cristãos. Trate-se, sem dúvida, de um processo lento, árduo e longo, mas necessário para todos nós...

(Enrique Briozzo é professor e leciona sociologia em São Paulo).





Implicações éticas do uso do DIU

Nildo J. Lübke

DIU, o dispositivo intra-uterino, que milhões de brasileiros viram sua intensiva divulgação pela TV, realmente só evita a fecundação ou é um provocador de aborto?

1. Introdução

Muitos cientistas têm procurado nos últimos anos encontrar uma solução para o problema da natalidade. Suas pesquisas se basearam fundamentalmente em encontrar um método que fornecesse aos usuários o máximo de eficácia pelo mínimo de custos e sofisticacões. Assim sendo, como resultado de tanto empenho apareceram:

a. métodos que não requerem nenhum artifício anticonceptivo (método natural):

- continência periódica (Método de Ogino-Knaus, da Temperatura, e Billings ou Anovulatório)
- coito interrompido

b. métodos baseados em um artifício anticonceptivo (artificiais):

- método físico ou de barreira (côndom, diafragma, DIU)
- método químico (substâncias espermaticidas)
- método hormonal (anovu-

latórios ou pílulas).

Neste nosso trabalho enfocaremos exclusivamente o DIU (Dispositivo Intra-Uterino), já que o mesmo tem ocupado lugar de destaque na literatura moderna e são muitas as interrogações que se fazem a respeito das implicações éticas de tal método.

2. O DIU

Era muito comum entre os proprietários de camelos, em suas longas travessias pelo deserto, aplicarem um tampão no órgão genital da fêmea, impedindo desta forma a fecundação e as conseqüências negativas advindas disto durante a viagem. Tal tampão, via de regra, elaborado com tâmaras, é um dos mais antigos sistemas que precederam o moderno Dispositivo Intra-Uterino. Segundo a definição habitual, com tal processo se evitaria a passagem do es-

permatozóide e a conseqüente fecundação. Até aqui, o problema ético, no caso de pessoas humanas, seria limitado à intenção anti-procriativa. Entretanto, a pergunta que se faz é a seguinte: será que realmente o DIU somente impede a passagem do espermatozóide, evitando-se a fecundação? Ou, pelo contrário, ocorrem passagens e a conseqüente fecundação, servindo o DIU como bloqueador da nidacão do ovo no útero, provocando um mini-aborto?

Para se compreender bem a polêmica moderna em torno do DIU, convém que se distinga entre dispositivos intra-uterinos inertes e ativos.

2.1. Dispositivo intra-uterino inerte

São fabricados normalmente com substâncias plásticas (polietileno e polipropileno) ou prata, platina. São chamados de inertes porque sua ação anticonceptiva se explica simplesmente pela sua presença física no útero. Servem, pois, como simples barreiras. Alguns estudos feitos demonstram que o DIU:

- não inibe a ovulação,
- parece reduzir o número de espermatozóides que penetram nos ovidutos, suficientes, porém, para realizar a fecundação,
- não bloqueia os ovidutos nem altera o peristaltismo, influenciando desta forma sobre o transporte do ovo,

— a fecundação tem lugar, como também as primeiras segmentações, penetrando o ovo na cavidade uterina, onde *deveria* ser realizada sua implantação.

Os Drs. Hester, Kellet, Pratt-Thomas chegaram a afirmar que ainda é desconhecido o mecanismo de ação do DIU na mulher. Mas, depois de muitas investigações e controvérsias, existe uma espécie de acordo geral de que o mesmo inibe, de alguma maneira, a implantação do ovo fertilizado por uma ação local direta sobre o endométrio. O DIU afeta a mor-

fologia histológica do tecido endometrial circundante. Segundo os autores acima, o dispositivo produz alterações no fluido endometrial e intra-uterino, de tal modo que impede a gravidez na maior parte das mulheres que usam este modo de anticoncepção. Entretanto, tudo indica que a ação anticonceptiva dos dispositivos intra-uterinos se reduz a um fenômeno de expulsão de um corpo geneticamente estranho, ou seja, o aborto. O professor N. Sagioglu faz notar que a ação antifertilizante do DIU, defendida por muitos como única, ocasiona o crescimento de macrófagos. Ora, as células anigências do ovo estão normalmente cobertas por uma zona isolante que o protege de elementos estranhos. Entretanto, em presença de um DIU, rodeado de milhões de macrófagos, aquela defesa é insuficiente. A protease, enzima produzida pelos macrófagos, dissolve a zona isolante, fazendo degenerar o blastocisto. É por isso que vasta parcela da comunidade científica e médica afirma ter o DIU uma ação anti-anidatória, por provocar toda uma série de modificações no endométrio uterino, tornando impossível a implantação (anidação) do blastocito.

2.2. Dispositivo intra-uterino ativo

Modernamente se descobriu um outro tipo de material — o cobre e o zinco —, mormente o primeiro (CU-DIU), cuja ação seria um pouco diferente do DIU inerte. Enquanto que aquele agiria a modo de barreira, este de cobre criaria continuamente um ambiente inadequado para os espermatozoides. No Brasil, o Dr. Elsimar Coutinho desenvolveu uma série de técnicas em seu laboratório em Salvador, procurando provar que neste segundo caso não se daria o aborto, porque a ação do cobre não seria sobre o endométrio, criando um ambiente anti-anidatório, mas atuaria num nível mais abaixo, produzindo elementos fa-

permatozoides, já que parece que os íons de cobre exercem uma ação espermaticida ou espermodepressiva. O Dr. Zipper em um artigo (Am. J. Obst. & Gynec., 105) observa, entretanto, que os sistemas enzimáticos sensíveis ao cobre são desconhecidos em sua totalidade, assim como não se sabe se são os espermatozoides ou o blastocito que estão implicados em sua ação. Caso seja o primeiro, temos um método anticonceptivo espermaticida; caso seja o segundo, temos um mini-aborto. Os estudos histológicos, afirma o Dr. Zipper, indicam que o endométrio é um dos objetivos deste mecanismo de ação (modificando-se sua estrutura, provocar-se-ia conseqüentemente a impossibilidade de inidação e, logo, a expulsão do ovo).

Em conclusão podemos dizer que não é clara na comunidade científica e médica a ação do DIU. Existem muitas controvérsias que exigem ulteriores investigações. Aqueles que são pró e os que são contra não podem querer arrogar-se o direito de afirmar a última palavra acerca do tema. É necessário que as pesquisas continuem para que se saiba efetivamente a ação do DIU, mormente este ativo.

J. Botella, eminente pesquisador, observa que sabemos muito pouco sobre o mecanismo de ação dos DIUs. Mas parece que na espécie humana não atuam sobre a ovulação, mas, sim, sobre a implantação do óvulo no útero, o que supõe que seu mecanismo de ação se dê através de um aborto precoce.

3. Conclusão:

Em geral predomina a opinião de que se trata de um método eficaz de controle de natalidade de fácil aplicação e cujas contra-indicações são reduzidas. Outros autores mais críticos dizem que não se pode minimizar o risco inerente à presença permanente de um corpo estranho em um meio tão delicado e sensível como é o endométrio uterino.

Do ponto de vista ético, existem duas posições diferentes, em conformidade com a ação do mesmo dispositivo. Isto é, se abortivo, será uma consideração; se for apenas espermaticida, será outra consideração.

Entretanto, sejam quais forem as considerações, é importante que se ressalte o motivo pelo qual alguém é levado a usar o DIU. Muitos querem observar que a causa fundamental da miséria dos povos do Terceiro Mundo se encontra na superpopulação. Eliminando-se bocas, eliminar-se-ia a fome. Ora, não creio que este tipo de raciocínio, tipicamente maltusiano, possa ser defendido. Não é eliminando os filhos dos pobres que se conseguirá a riqueza dos remanescentes! A política populacional não deve ser o aspecto central na organização de um país. Existem outros elementos a serem levados em conta e justamente aqueles geradores dos pobres. A pobreza não é fruto dos filhos dos pobres, mas os pobres com sua miséria são resultado da fome de riqueza, da acumulação de bens, de poder e de "saber".

Nossas mulheres não são camelas que andam no deserto e que, para favorecerem seus senhores, devem levar dentro de si tampões de tâmaras. Por detrás da mentalidade anticonceptiva, quase sempre patrocinada pelos interesses de alguns poucos que se deliciam com a riqueza que não deve ser repartida, se encontra o ídolo do PODER.

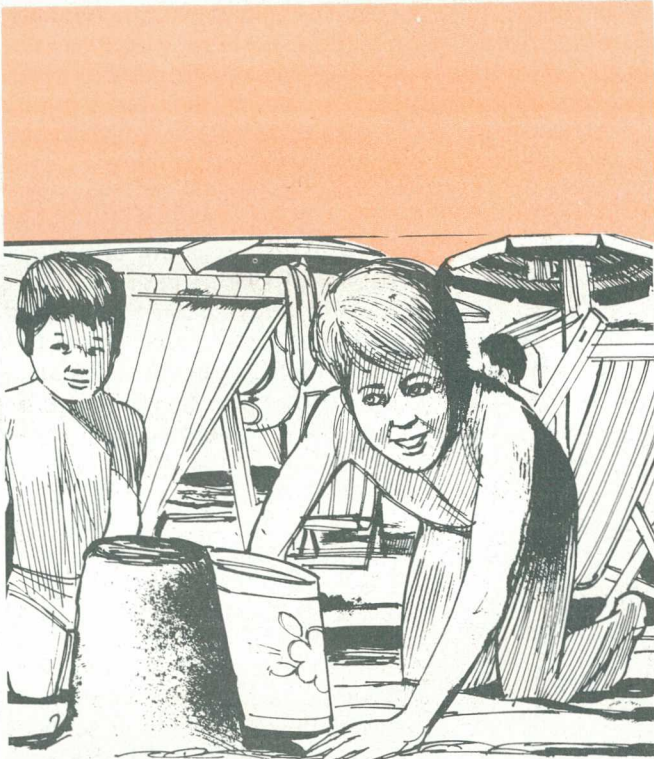
Será que a vida está tão banalizada que não se deseja ver que o DIU, provocando a irritação mecânica do endométrio, impede um normal anidamento do ovo fecundado, estimula o ingresso de leucócitos que destroem o ovo fecundado? E isto não é um atentado contra a vida? Como elevar a voz em nome da vida, da fartura, da riqueza, se o seu preço é a morte?

(Nildo J. Lübke, é sacerdote claretiano, professor de teologia moral no Studium Theologicum de Curitiba, PR.)

Um pedacinho da praia em casa

M. Aparecida Figueiredo

Através de todas as atividades infantis devemos sempre conscientizar a criança para o porquê e o como de seus atos.



A nos atrás, conheci uma senhora que resolveu o problema de ter que cuidar do lar e ao mesmo tempo ser pajem de sua filhinha, pedindo ao marido que fizesse no quintal um quadrado com areia, colocando material adequado como: baldinhos, pazinhas, forminhas para que a criança ficasse ali brincando enquanto ela, mãe, fazia o serviço da casa.

Hoje em dia, com o problema de apartamentos, não existem mais os famosos quintais que muito contribuíram para o desenvolvimento das crianças, mas podemos adaptar certas brincadeiras. Essa do tanque amplo de areia no quintal em lugar ensolarado seria uma alternativa, pois, não podendo ser executado, podemos fazê-lo com um caixote pequeno em que a criança não entraria mas, sentada à volta do mesmo, brincaria com a areia. Esse caixote poderia ficar na área de serviço ou até mesmo num canto do quarto de brincar, colocando-se um bom plástico ou lona por baixo do mesmo a fim de que a umidade da areia não passe para o chão. Como material para brincar, se não puder ser o especial, latinhas

vazias serviriam de balde, caixa de ovos recortada faria as vezes das forminhas e pauzinhos de sorvete substituiriam as pás, etc...

Agora a parte mais importante da brincadeira, que é o aspecto educativo que cabe aos pais. Esse trabalho seria o de conscientizar a criança a respeito de:

1. Quando uma pessoa trabalha, estuda, conversa, devemos respeitá-la, não interrompendo-a sem necessidade, nem invadindo o seu campo de trabalho.

2. Cada coisa deve ser usada no seu próprio lugar e conservada no local reservado para ela.

3. Pensar nos outros sempre. Aqui pensar em quem fará a limpeza da casa e, assim sendo, retirar bem a areia de si e não trazer para o resto da casa o material que deve ficar naquele local de brincar.

4. Ensinar a criança a usar o material de trabalho e estimular a criatividade da mesma. (Trabalhos com o material, riscar o desenho na areia com um pauzinho e depois retirar a areia em volta, deixando o desenho em relevo, escrever com palito ou outro material que sirva como lápis, fazer continhas, etc... etc... Viva a criatividade!)

Porém, alguns cuidados são necessários: Não deixar nenhum animal ou mesmo a criança urinar na areia, pois poderia produzir micose; a areia deve ser trocada cada seis meses ou um ano; remexer às vezes a areia, passando-a de baixo para cima a fim de facilitar a circulação de ar e diminuir assim a umidade natural da mesma.

Uma boa medida será a mãe, depois de conversar com a criança, ela mesma em silêncio, fazendo a criança observar, brincar um pouco e depois arrumar as coisas, tirando as possíveis areias que tenham ficado em si mesma ou por fora do quadrado. Isso tudo para que o espírito imitativo da criança tenha algo a imitar.

Podemos concluir dizendo que o importante de tudo isso é preparar a criança para usar o novo brinquedo, conscientizando-a bem sobre o que falamos há pouco e depois deixá-la brincar. Uma coisa é certa: embora haja a conscientização da criança, não é no primeiro dia que ela fará tudo certinho. É preciso repetições e mais repetições, pois educar é ajudar a criança a “desabrochar” e o “desabrochamento de uma flor não se faz num dia”.

PARABÉNS PARA A "AVE-MARIA" BENDITA ENTRE TODAS AS MULHERES

Maria do Carmo Fontenelle

Depois de tantos aniversários, chegou o dia da nossa Revista, cujo primeiro número é datado de 28 de maio de 1898.

Ela é para nós uma lembrança de que todos os dias são dias das mães heróicas, que lutam na retaguarda do sucesso do marido e dos filhos. Embora, quando chegar o momento da necessidade, elas vão para a linha de frente, ombro a ombro com marido e filhos.

A idéia de nossa página "Meu Lar, Minha Alegria" é levar um pouco de inspiração e de amor para as mães que lutam, muitas vezes pensando até que estão sozinhas, esquecendo-se da presença de Deus!

Muitas vezes temos inspiração forte para abordar determinado assunto. Depois chegam cartas falando sobre aquele artigo que elevou seu moral num momento difícil. Foi Deus!

Nesses anos todos, muitas pessoas trabalharam na Revista. Tivemos muitos diretores, redatores, diagramadores, etc. Quero lembrar alguns que conheci, os mais humildes irmãos que faziam a cobrança na Zona Rural. Único meio, na época, de receber as assinaturas. Os irmãos cobradores enfrentavam caminhos difíceis, com chuva ou sol e conseguiam chegar até as terras longínquas nas antigas fazendas da Zona da Mata. Venciam estradas terríveis. Mas chegavam com pontualidade à Fazenda da Serra, no norte fluminense, onde a Avó Quitéria foi assinante, até o fim dos seus dias entre nós. O dia da chegada deles era alegria para todos! Até parecia dia de festa!

A avó gostava muito da Revista. A leitura era feita com uma prece, uma obrigação da sua crença. Ela confiava no que estivesse escrito na Revista, que virava lei. Não admitia discussão: — "Está escrito na Ave-Maria" era o fim de qualquer polêmica!

Muitas vezes, podemos pensar que, em nossa vida cheia de problemas rotineiros e materiais, não há lugar para uma vivência de santidade. Chegamos até a invejar os santos que podiam viver unicamente para rezar, enquanto nós estamos envolvidas pela implacável rotina doméstica, sempre lidando com panelas, vassouras e roupas. Somos semelhantes a Marta, que foi utilíssima preparando aquela refeição para Jesus, tanto quanto Maria que conversava com Jesus.

Pode crer, amigo (que me escreve de Niterói), que ser dona-de-casa em todos os tempos é um dos BONS CAMINHOS para alcançarmos o céu.

Houve uma mulher, dona-de-casa, que hoje é Santa. É a maior de todas.

É a rainha de todos os Santos e Santas. Ela viveu na Judéia, uma pequena cidade chamada Nazaré. Cuidava do marido, do Filho e da casa. Trabalhava muito e por métodos primitivos, com muita cansaça. A comida era preparada sobre fogo de lenha, numa cozinha, provavelmente enfumaçada, em panelas de barro desajeitadas e pesadas, que ficavam sujas de carvão. A roupa era lavada por processos difíceis e a casa era limpa e arrumada sem qualquer auxílio. O marido ganhava pouco. Era marceneiro e o Filho o ajudava. Ela ainda fiava e tecia peças do vestuário, como aquela famosa túnica que seu Filho usava em Jerusalém, naquele dia terrível!

Você já deve ter adivinhado que esta Santa-Dona-De-Casa só podia ser Nossa Senhora. Sempre que nos sentimos cansadas ou desgostosas com o nosso trabalhos de casa, lembremo-nos dela e sorriamos confortadas e decididas a descobrir o lado santo da nossa vida!

Cada uma de nós, leitoras, amigas da Ave-Maria e suas assinantes, teremos nossos pedacinhos de recordações ligadas ao recebimento desta revista pioneira, quando não havia tantas publicações como hoje nem rádio nem televisão.

Eu, por exemplo, conheci a Ave-Maria, aos quatro anos, quando, vendo e manuseando aquela revista tão importante para minha avó, comecei a me interessar pelas letras da capa. E acabei aprendendo que aqueles riscos grossos eram letras, que formavam o nome da revista, que é também linda saudação a Nossa Senhora: AVE-MARIA!

AVE MARIA

PERIÓDICO DEDICADO A IMMACULADA VIRGEM MÃE DE DEUS

ANO I. São Paulo, 28 de Maio de 1898. NUM. 1.



CORRESPONDÊNCIA

Dalva - Curvelo, MG: Recebi sua carta. As suas palavras de amor fraternal me tocaram o coração. É bom sabermos que aquele nosso carinho encontrou o endereço certo. Houve alguém como você com sua sensibilidade. Obrigada. Deus esteja conosco. Um abraço.

RECEITAS SIMPLES E NUTRITIVAS

FAROFA DE OVOS (acompanhamento)

1 envelope de Knorr faz omelete (Fine herbs ou Presunto)
1 1/2 xícara de farinha de milho
6 azeitonas pretas, picadas
2 colheres de óleo
2 ovos.

Dissolva o conteúdo do envelope Knorr em 3 colheres de água. Reserve por 3 minutos. Junte a farinha de milho e as azeitonas, misturando bem. À parte, aqueça o óleo e frite os ovos. Quando começar a endurecer, mexa com a colher de pau, para quebrar em pedacinhos. Acrescente a mistura de farinha de milho e mexa por 2 minutos, em fogo baixo. Sirva a seguir.

NOTA: — Aprendi com minhas amigas mineiras a fazer farofa com farinha de milho amarela. Você já experimentou? Vale a pena.

BIFES À MILANESA AO FORNO

(prato principal)

1/2 quilo de bifes
1 colher de limão
2 cubinhos de tempero para feijão Knorr
1/2 xícara de leite morno
2 colheres de cheiro-verde picado
1 xícara de farinha de rosca
3 colheres de óleo Mazola
Pepinos em rodelas para guarnecer.

Regue os bifes com o suco de limão. À parte, desmanche os cubinhos de

tempero para feijão, no leite. (Se quiser, misture o cheiro-verde) Despeje sobre os bifes e deixe tomar gosto, cerca de 30 minutos. Passe cada bife, coberto com bastante tempero, na farinha de rosca. Coloque num refratário untado com metade do óleo. Espa-

lhe o tempero e o óleo restante em cima. Leve ao forno médio, por cerca de 30 minutos. Sirva guarnecido com rodelas de pepino. Dá 3 porções.

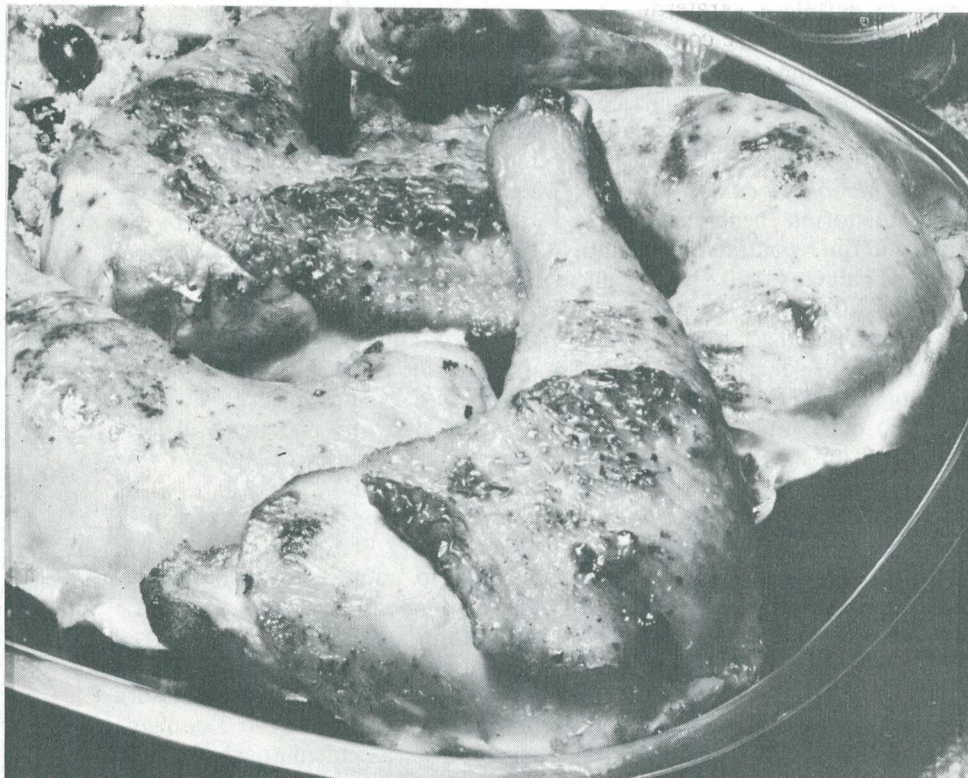
PASTA VERDE (salgadinho)

1 xícara de espinafre cozido

1/2 xícara de maionese Hellmann's
1 cebola média ralada no ralo fino
Sal ao paladar.

Bata todos os ingredientes no liquidificador até obter uma pasta homogênea. Use gelado.

FRANGO COM MAÇÃS (prato principal)



1 frango de 1 1/2 quilo cortado em pedaços
1 colherinha de sal
Pimenta ao paladar
4 colheres de manteiga
4 colheres de conhaque
4 maçãs médias, sem sementes e cortadas em gomos
2 xícaras de água fervendo
1 cubinho de caldo de galinha Knorr

1 colher de salsinha picada
2 colheres de farinha de trigo.

Tempere os pedaços de frango com sal e pimenta. Numa frigideira, derreta a margarina e frite-os. Aqueça o conhaque numa concha e despeje sobre o frango. Acenda e flambe até que a chama se apague.

Dissolva na água o cubinho de caldo de galinha e adicione ao frango 1 xícara desse caldo, as maçãs e a salsinha. Tampe e cozinhe em fogo brando por 35 minutos. Misture a farinha com o restante do caldo de galinha e acrescente à panela. Cozinhe tampado por mais 5 a 10 minutos e sirva numa travessa aquecida. Dá 4 a 6 porções.

ATÉ QUE PONTO O ALCOÓLATRA ESTÁ FORA DE CONTROLE

Donald Lazo
(Diretor da REINDAL)

A palavra chave para toda pessoa dependente da bebida é o QUERER. Quando alguém DECIDE parar de beber, aí, sim, e somente aí, o alcoólatra terá controle de si.

É comum definir o alcoolismo em termos de “perda de controle”. O alcoólatra, segundo a definição, é uma pessoa que não tem mais controle sobre a bebida.

Que significa isso? Significa que, quando o alcoólatra começa a beber, ele é de tal forma ‘beneficiado’ pela bebida que quer continuar bebendo. Em outras palavras, não é que ele não pode parar de beber. É que não quer parar. Portanto, dizer que ele “perdeu o controle” sobre a bebida é um pouco enganador. Sobretudo, porque alguns vão mais longe e dizem que o alcoólatra é uma pessoa que não só não controla quanto ele bebe senão que também não controla quando vai beber.

Isso não é verdade (e não esqueçam que é um alcoólatra que está escrevendo estas linhas). O único alcoólatra que não controla quando vai beber é o doente mental que não controla coisa alguma. Ou então o alcoólatra nos últimos estágios da doença, que precisa beber para afastar o *delirium tremens*. Muito poucos alcoólatras estão nesse estágio.

Eu já vi alcoólatras parar de beber que estavam tremendo tanto que tinham que sentar sobre suas mãos. A diferença é que eles *queriam* parar. A bebida chegou ao ponto de estar lhes trazendo mais desvantagens do que vantagens. Infelizmente, estes são a minoria.

A vasta maioria dos alcoólatras não precisa parar de beber. Bebem porque podem. Sabem que, se acontecer qualquer coisa desagradável

por causa da bebida, alguém (geralmente um membro da família bem-intencionado) os tirará do aperto. Na pior das hipóteses, os outros aceitarão mais uma bebedeira. “Que vamos fazer? Ele é doente, coitado”. Eu pergunto: se o alcoólatra está fora de controle, como é que tantos param? Como é que eu parei?

Quando começa a beber, o alcoólatra é de tal forma “beneficiado” pelo álcool que quer continuar. Cada drinque que toma aumenta o “benefício”, afasta sua sensação de estar fazendo algo que não devia e, portanto, intensifica seu desejo de tomar mais um.

Como se poderia descrever esse “benefício”? Bem, eu diria que é um “benefício” duplo. No alcoólatra, o álcool funciona como um *solvente* e um *estimulante*.

Um solvente é algo que dissolve coisas, fazendo-as desaparecer. Padre Joseph Martin, o famoso alcoólatra cujas palestras cinematográficas têm ajudado milhares de alcoólatras, costuma dizer que o álcool é um dos solventes mais eficientes que existem. “Ele dissolve manchas em tapetes”, explica o padre, e continua, começando a sorrir. “Aliás, dissolve os tapetes. Também (o sorriso desaparece) dissolve lares, famílias e vidas”.

Quando o alcoólatra bebe, o álcool dissolve suas mágoas, suas preocupações, seu sentido de responsabilidade e até suas dívidas. Ele pode ter entrado no botequim pendurado até o pescoço. Uma hora depois está comprando drinques para meio mun-

do. Continuando a beber, perde a censura. Para que parar? Está tudo bem!

A outra coisa que o álcool faz para o alcoólatra é estimulá-lo. Começa a sentir-se bonito, simpático, inteligente e rico. Não é de se estranhar que o alcoólatra logo peça mais um... e mais um. Quem não gostaria de ficar cada vez mais bonito, simpático, inteligente e rico? Com o álcool, o alcoólatra fica.

E tem mais. Nos primeiros anos, o álcool nunca decepciona. Sempre que o alcoólatra bebe, sente-se maravilhoso. Tanto é que, nos estágios mais adiantados da doença, quando o alcoólatra não consegue mais atingir esse estado de euforia, ele continua tentando. “Quem sabe, se tomar mais um”.

O importante em tudo isso é o que disse antes. Não é que o alcoólatra não *pode* parar de beber. É que, quando está bebendo, não *quer* parar. Ele é incentivado a continuar bebendo. É forte esse incentivo. Chama-se compulsão.

Mas essa compulsão aparece só depois que o alcoólatra começa a beber. Antes, ela não existe. Ele *começa* a beber porque sabe que vai ficar rico e bonito. Mas não *precisa* começar. Não está fora de controle. *Começa porque quer ou porque pode*. Porque as vantagens do beber ainda são maiores que as desvantagens. Cabe à família convencê-lo de que não pode começar a beber sem que isso leve a desvantagens maiores que as vantagens.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
91498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)



EU E A VIDA

Mauro Martins AmatuZZi

A vida é sempre um dom de Deus que desafia a nossa compreensão. É como um rio, tem remansos tranquilos e corredeiras difíceis. Vivem mais seguros os que humildemente aceitam as frustrações mas que não deixam apagar a chama da vida.

○ adulto tem vontade de produzir, de ser considerado, estimado, de ser útil. De realizar alguma coisa. Se ele passou, ainda que mal-e-mal, pelas fases anteriores, sabendo aceitar o que a vida lhe dizia e respondendo, então é assim que ele está. Ou mais ou menos.

Mas o rio continua correndo. A vida continua falando.

Não existe somente a galáxia. Existem muitas galáxias; neste universo que parece infinito e inimaginável!

Pouco a pouco os filhos vão crescendo e logo já não dependerão dos pais. Quando isso acontecer, os dois, os pais, se encontrarão novamente face a face, agora a meio caminho da

vida. É um novo recomeço. E este, também difícil de aceitar. Exige um desprender-se. É difícil também porque significa que estamos entrando na etapa derradeira. Que o mar está próximo.

Pouco a pouco ele vai percebendo que não é tão útil ou indispensável, pois que outras pessoas já se preparam para substituí-lo em seu posto profissional ou doméstico.

Já viu alguns governos passarem, já viu muito discurso e algumas revoluções. Já viu agitação e aquiescência e de novo agitação. Começa a ter que conviver com algumas perdas. E as mais dolorosas, porque lhe falam muito, são as perdas de entes queridos. Os pais, quem sabe algum filho ou irmão, amigos, companheiros de viagem. Prováveis fracassos pessoais de vários tipos.

É difícil aceitar que o rio não pára de correr. Dá saudade dos brejos, das nascentes, dos riachos e corredeiras malucas. Das belas paisagens e das cachoeiras exuberantes. Quem nunca viu um homem ou uma mulher maduros querendo ridiculamente parecer jovem?

Ou quem nunca viu uma pessoa desacordeada da vida por causa de baques, sofrimentos, frustrações, perdas?

E no entanto o fogo que sempre

existiu dentro de nós, impulsionando as descobertas e o ir em frente, continua existindo, e ele está mais puro agora. O desejo de tornar-se realmente aquilo que se é potencialmente, o desejo de ver e de compreender que já se existia quando o gato abriu os olhos e virou gente, tudo isto se manifesta mais claramente agora, como o diamante lapidado, mas que já existia mesmo antes de ser lapidado. Muito no dentro.

Depois da trabalhadeira do plantio, do carpir, da luta contra pragas e matos, contra a geada, vem a colheita. E a colheita tem dificuldades próprias, e tem uma beleza própria. Tem uma arte. Você pode errar, perder, desperdiçar.

Colheita, síntese, e um verdadeiro recomeço.

E o homem que aceitou também esta nova visão de si torna-se mais homem. Ele agora é um homem muito mais livre, que não tem medo, desprendido que aprendeu realmente a ler. Seu amor é terno e muito cheio de respeito. E ele continua capaz de indignação e de paixão. E provavelmente carrega consigo muitas manias; que ninguém é perfeito neste mundo. Bom mesmo é se ele consegue rir de suas manias.

Mas será que sei mesmo do que estou falando? Gostaria de ouvir os que conhecem as paragens de rio abaixo.

Um novo conhecimento de si e da vida. Sabem que eles não são a vida. Participam dela.

Eu acho que pessoas que conseguiram chegar lá, superando sem recuar o que a vida prepara, é como se tivessem se superado a si mesmas, na audácia e na paciência. Eu as imagino como libertas, acolhedoras, sábias. Mas não arrogantes: justamente o oposto. Nós dizemos isso delas. Mas elas, para si, continuam, na sua calma inquieta, a busca que sempre foi a sina do ser humano. Busca de ser o que se é. Busca de viver como uma resposta.

Não estou falando dos velhos, Vana! Estou falando dos que se desenvolveram. E aprenderam a conversar com a vida. Não sei que idade eles têm. Mas eu acho que muitos velhos ainda não chegaram lá.

(Extraído do livro "Crescimento e Ajuda" com a autorização do autor. Mauro Martins AmatuZZi é professor de psicologia em várias faculdades em São Paulo).

A MISSÃO CONTINUA

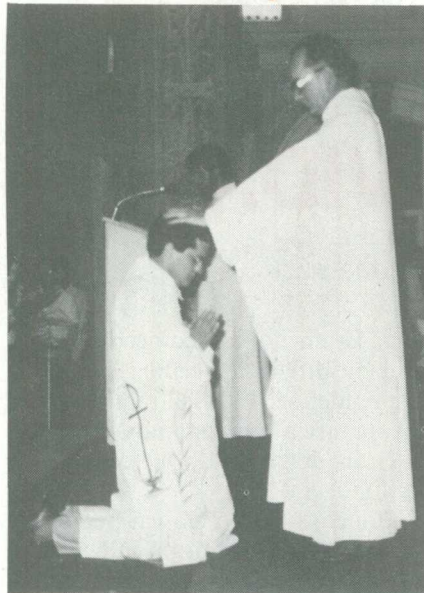
“Ide, pois, e fazei discípulos meus, de todos os povos” (Mt 28,19). Com estas palavras Jesus Cristo delegava aos discípulos uma missão. A missão de continuar a sua tarefa de salvação: socorrer e alimentar a vida até que todos a tenham com abundância. Por isso e para isso ele curou os doentes e perdoou os pecadores.

É para esta salvação plena que, também hoje, homens e mulheres dedicam e consagram suas vidas. São pessoas que assumem a tarefa de convidar as raças a se reunirem e formarem um povo, para viver na alegria do Reino de Deus.

Com este espírito missionário quatro jovens pertencentes à Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, (Claretianos) ordenaram-se sacerdotes. Querem com seu trabalho no meio do povo de Deus instaurar progressivamente, de forma concreta, a alegria dos filhos de Deus, na caminhada para a libertação de todo tipo de opressão, e a alegria de poder esperar com confiança e na paz a vinda futura do Senhor.

Estes jovens, com o sacramento da Ordem, viverão o serviço missionário e pastoral, à maneira de Jesus Cristo, e com ele poderão dizer: “O Espírito do Senhor repousa sobre mim porque o Senhor me enviou a levar a Boa-Nova aos pobres e proclamar a liberdade” (Isaías 61,1).

PE. ANTÔNIO FAUSTO VALENÇA, CMF



Pe. Fausto, no momento em que D. Cláudio Humes impunha as mãos sobre sua cabeça.

O padre Antônio Fausto foi ordenado por Dom Cláudio Humes, bispo de Santo André, SP. A ordenação ocorreu no dia 10 de dezembro de 1983, às 19:00 hs, na igreja matriz de N.S. da Boa Viagem, em São Bernardo do Campo, SP.

Fausto nasceu em Porecatu, PR, aos 17 de outubro de 1954; filho de Pedro Afonso Valença e de Cecina Jardim Valença. Ingressou no Seminário Claret de Rio Claro em 1972, na 8ª série do I Grau; emitiu a primeira profissão religiosa na Congregação em 1977 no Noviciado Claretiano, em Campinas.

Pe. Fausto, enquanto estudante, exerceu um intenso trabalho apostólico com as famílias, tanto em Rio Claro, trabalhando num bairro da periferia, como em Curitiba, numa paróquia da periferia e também com grupos de casais.

Como sacerdote começa seus trabalhos no Seminário Claret de Rio Claro como diretor dos seminaristas.

PE. CLÁUDIO APARECIDO BERABA, CMF

A celebração da ordenação do Pe. Cláudio foi presidida por dom Antônio Maria Mucciolo, bispo diocesano de Barretos, SP, na igreja matriz N.S. do Rosário, às 19:30 hs no dia 17 de dezembro de 1983 em Barretos.

Cláudio nasceu em Barretos aos 16 de novembro de 1957; é filho de Osmar Beraba de Almeida, ferroviário, e de Maria Hoft Beraba.

Ingressou no Seminário Claret de Rio Claro em 1975, na 3ª série do II Grau, e emitiu os primeiros votos no Noviciado Claretiano de Campinas em 1977.

Pe. Cláudio, nos anos de formação, exerceu seu apostolado junto aos jovens, na pastoral familiar e na orientação da equipe litúrgica da paróquia do Coração de Maria em Curitiba, onde recebeu o diaconato a 10 de dezembro de 1982.

Seu primeiro trabalho como sacerdote será na promoção vocacional, responsável pelos jovens que querem ingressar no seminário.

PE. ENOR JOSÉ ANDREAZZA, CMF

Dom Paulo Moreto, Bispo de Caxias do Sul, RS, conferiu a ordenação sacerdotal ao Pe. Enor, aos 18 de fevereiro de 1984. A ordenação ocorreu na Igreja de Santa Lúcia do Piaí, distrito de Caxias do Sul, RS.



Pe. Enor Ladeado pelos pais D. Fiorinda Antônia e sr. Darci Ricardo na Igreja de S. Lúcia do Piaí, RS.

Enor nasceu em Santa Lúcia do Piaí aos 15 de maio de 1955. É filho de Darci Ricardo Andreazza e Fiorinda Antônia Liso Andreazza, agricultores. Entrou no Seminário Claret de Esteio, RS, em 1970, na 5ª série do 1.º grau.

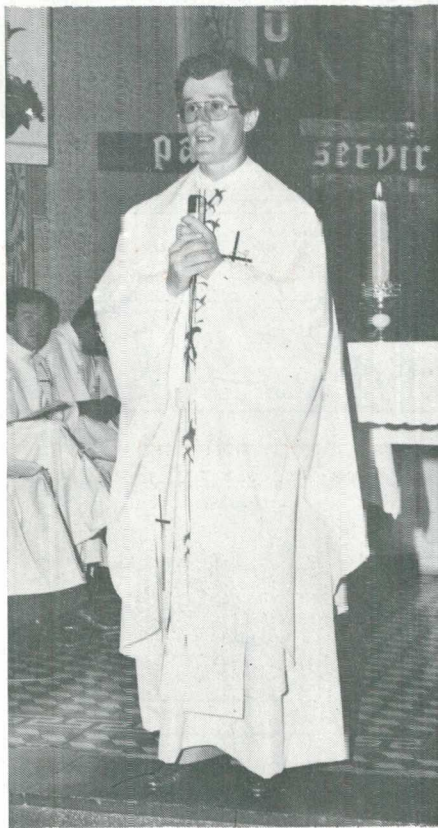
Sua primeira profissão religiosa foi em 1978.

Durante os estudos dedicou-se ao trabalho com os jovens e animação das cerimônias litúrgicas.

Seus primeiros trabalhos apostólicos e missionários serão em terras italianas, na Sicília. Lá, numa região onde as vocações são pouquíssimas, irá promover e animar os jovens à vida religiosa missionária e sacerdotal.

PE. BRÁS LORENZETTI, CMF

O padre Brás foi ordenado no dia 25 de fevereiro de 1984, às 16:00 hs, por Dom Urbano José Allgayer, bispo de Passo Fundo, RS, na igreja Matriz de Evangelista, distrito da cidade de Casca, RS.



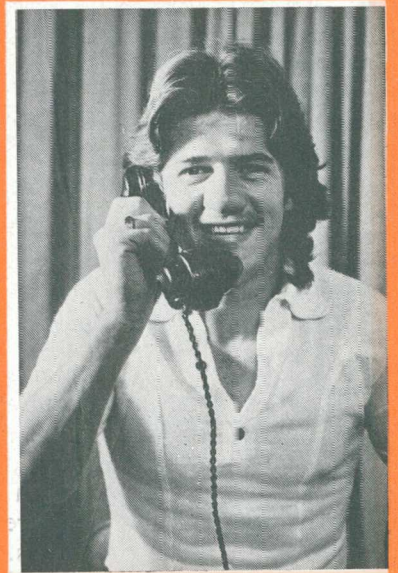
Pe. Brás em sua primeira mensagem: trabalhar a serviço da justiça e da fraternidade.

Brás é filho de Mário Lorenzetti e Amábile Lorenzetti, agricultores, e nasceu aos 3 de abril de 1955 em Guaporé, RS. Entrou para o seminário Claret de Esteio, RS, em 1970, na 5ª série do 1.º grau. Sua primeira profissão religiosa foi em 1978.

Durante os estudos o seminarista Brás destacou-se no trabalho da catequese e da liturgia. Agora como sacerdote irá trabalhar em Paranatinga, MT, junto aos migrantes gaúchos, agricultores que se instalaram num vilarejo a 200 km distante da sede, Paranatinga.

Os quatro neo-sacerdotes fizeram um ano intensivo de Vida Religiosa, no Noviciado Claretiano em Campinas. Posteriormente fizeram o curso de filosofia no seminário Claret de Rio Claro, SP, e os estudos de teologia no Studium Theologicum em Curitiba, PR. E nesta mesma cidade, na Igreja Coração de Maria receberam a ordem do diaconato, aos 10 de dezembro de 1982.

SIM VOU SER... PADRE DE SION



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

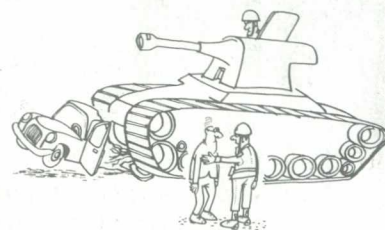
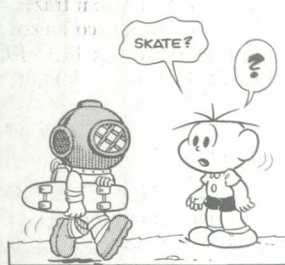
PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 65-7489
04207 - São Paulo, SP

3 minutos de humor

CEBOLINHA (Maurício)



— Mas você freiou de repente.



O PATO (Ciga)



A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR — 3/6/84

CRISTO — CABEÇA E PRESENÇA PERMANENTE NA IGREJA



1ª LEITURA: *At 1,1-11*. Esta perícopa de Lucas mostra que Jesus, depois da ressurreição, não deixou seus apóstolos desamparados, mas caminhou com eles durante quarenta dias (número simbólico, usado diversas vezes na Escritura — 40 anos no deserto, 40 dias de jejum de Jesus, etc.), ensinando e organizando os primeiros passos de sua Igreja. Em certo momento, porém, ele deixa de ser visível, ele sobe aos céus (v. 9) e entra na realidade da glória de Deus

(a nuvem — sinal teofânico da presença de Deus — v. 9). Deixa para seus apóstolos um caminho bem traçado — o Reino deve ser o tema de suas pregações (v. 8), eles devem ser testemunhas de sua ressurreição (v. 8), sua missão se estende por toda a terra e poderíamos acrescentar por todo o tempo (v. 8). Podemos perceber ainda a alusão que se faz à segunda vinda de Cristo (v. 11), mas também a sua presença permanente na vida da Igreja: ela é pelos apóstolos a continuadora de sua missão.

2ª LEITURA: *Ef 1,17-23*. Este texto paulino é a continuação da primeira parte da Carta aos Efésios, mais precisamente do cap. 1 — onde Paulo coloca todo o mistério da salvação e da Igreja como uma ação realizada por Deus na história, no tempo, tendo todo o cosmo sofrido a ação de Jesus Cristo. Ele fala da universalidade da redenção operada por Cristo. Esta doxologia hínica e cósmica pretende mostrar que Cristo se torna a plenificação de tudo o que existe na terra e no céu (v. 22) que Paulo coloca através dos poderes cósmicos da literatura judaica apócrifa (v. 21 — Principado, Potestade, etc.). O que está na base de tudo é a glorificação de Cristo que está sentada à direita nos céus (v. 20) — mistério celebrado na festa de hoje.

EVANGELHO: *Mt 28,16-20*. Seguindo uma tradição diferente de Lucas, Mateus coloca a ascensão de Jesus na Galiléia e não em Jerusalém. A preocupação de Mateus, como sempre, visa mostrar que Jesus realiza as profecias do AT. Assim mesmo, depois de sua ascensão, a sua presença irá permanecer na observância de tudo o que ele ordenou (a Lei que foi dada a todos). Jesus ressuscitado ratifica a sua mensagem, ele tem toda a autoridade no céu e na terra (*Ef 1,22*) (v. 18) e, como mensagem mais importante, é a certeza de sua presença na Igreja até o fim dos tempos (v. 20). Cristo, após sua ascensão, deixa uma missão aos apóstolos — ser continuadores de sua obra de anúncio do Reino por toda a terra (*At 1,8* — 1ª Leitura); o batismo será o sinal de sua presença, da aceitação de sua mensagem e da missão apostólica e universal da Igreja por ele fundada.

COMENTÁRIO: Celebramos hoje, com a festa da Ascensão do Senhor, o Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social — eles fazem lembrar a missão evangelizadora e apostólica que a Igreja recebeu do Senhor ao elevar-se da terra para a glória de Deus. Não podemos ficar de braços cruzados, olhando para o céu, esperando que tudo venha de Deus. A vinda do seu Reino, a transformação do pecado em graça, do egoísmo em amor, da injustiça em justiça, depende da observância de sua palavra, depende de nós que aceitamos a sua mensagem no nosso batismo. Precisamos buscar um mundo mais fraterno — este é o sentido da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que hoje iniciamos em preparação à Solenidade de Pentecostes — o Espírito é o vínculo de união de todos em Cristo. É tempo de ação — não podemos ficar parados.

SOLENIDADE DE PENTECOSTES — 10/6/84

ESPÍRITO — FORÇA, PERDÃO, VIDA



1ª LEITURA: *At 2,1-11*. Esta perícopa de Lucas traz uma grande variedade de temas que poderiam ser aprofundados. Vejamos alguns exemplos: (v. 1) — a festa de Pentecostes provém do costume judaico de celebrar as colheitas, as primícias (*Ex 23,14*) e, como a Páscoa, de agrícola que era, passa a ter na história do povo de Israel outro significado — é a celebração da Aliança do Sinai no deserto depois da saída do Egito (Páscoa).

Lucas usa dessa teologia para manifestar que o Espírito Santo vem trazer a nova Lei para a comunidade cristã. Usa de vários sinais teofânicos do AT — o vento e o ruído na vinda do Espírito Santo (*Ex 19,16-19*) são sinais da manifestação de Deus. O dom das línguas é o dom da concórdia, da comunhão entre os fiéis que, como outrora, entendiam e compreendiam a Lei de Deus — não se pode mais viver como em Babel — o Espírito suscita uma nova realidade.

2ª LEITURA: *1Cor 12,3b-7.12-13*. O texto afirma que o dom do Espírito suscita a unidade na comunidade. Não podemos nos orgulhar dos dons recebidos, pois todos eles foram dados pelo Espírito Santo para a utilidade e o enriquecimento de todos e da comunidade (v. 7). Paulo coloca em destaque a teologia do Corpo de Cristo, a Igreja que tem no Espírito o princípio vital e o princípio unificador. Ele procede de Cristo crucificado segundo a carne, mas vivificado segundo o Espírito. Todos os cristãos formam uma só unidade do Corpo de Cristo pela ação do Espírito Santo que habita em cada um.

EVANGELHO: *Jo 20,19-23*. Esta perícopa, a mesma do 2º Domingo da Páscoa, coloca a vinda do Espírito Santo noutro contexto diferente da narrativa lucana. Ele está de acordo com a teologia joani- na que vê o Espírito como dom do Cristo glorificado, do Cristo Senhor. Por isso, ele está colocado na tarde do dia de Páscoa, o dia da ressurreição quando Cristo, após ter sido glorificado, dá aos apóstolos o seu Espírito, o Paráclito que será a força para continuarem a sua missão do mundo. É o Espírito Santo que ensinara toda a verdade (*Jo 14,26*), pois ele é o Espírito da verdade (*Jo 14,17*), ele dá testemunho de Jesus (*Jo 15,26*), arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça, do julgamento (*Jo 16,7-11*). O Espírito é o Espírito de Jesus, e Jesus glorificado (*Jo 7,39*) — por isso João o chama de Senhor (v. 20) e a missão que é dada é de instaurar a paz e o perdão, a nova criação que provém do sopro do Espírito como na criação narrada pelo Gn 1,2.

COMENTÁRIO: Com a festa de Pentecostes, a Igreja encerra o Tempo Pascal. Tudo tem uma seqüência lógica — depois da ação de Deus em seu Filho que morreu e ressuscitou, cabe a nós, comunidade eclesial, realizar no mundo e no decorrer da história, simbolizada no Tempo Comum do ano litúrgico, a missão de Jesus Cristo, através do impulso do Espírito Santo. O Espírito Santo vem ser a força de Jesus, o princípio de unidade da Igreja que procura instaurar no mundo o Reino de Deus, uma nova criação onde todos possam viver em comunhão, possam se entender (Leitura de Atos 2,1-11), onde haja o amor, a paz, a fraternidade querida por Deus em seu plano salvífico. Nós precisamos estar atentos aos sinais que Deus nos dá pelo seu Espírito — vivemos no tempo do Espírito. Ele, como pai dos pobres, dispensador dos dons e luz (Seqüência), nos mostrará o caminho da salvação e da libertação.

11º DOMINGO — SOLENIDADE DA
SANTÍSSIMA TRINDADE — 17/6/84

DEUS — GRAÇA, AMOR, COMUNHÃO



1ª LEITURA: *Ex 34,4b-6.8-9.*
O texto da primeira leitura desta festa apresenta a narrativa javista da Aliança do Sinai — a restauração da Aliança. Notamos neste texto a presença de Deus, Javé, que é cheio de ternura e piedade, não em cólera, mas em amor e fidelidade. O povo rompe seu pacto com Deus através do bezerro de ouro. Por esta oração de Moisés, o povo sente a presença salvífica de Javé no êxodo e em toda a sua história — presença de amor que re-

nova a Aliança, presença que vem até o povo, que toma a iniciativa do perdão e da reconciliação com as novas tábuas da Lei.

2ª LEITURA: *2Cor 12,11-13.* Esta perícopa é a conclusão da 2Cor. Paulo dá as recomendações finais, sempre insistindo na perfeição e na concórdia — tão necessárias para a comunidade de Corinto muitas vezes dividida pelos partidos, pela inveja, etc. O apóstolo termina sua epístola com uma saudação de origem litúrgica (Mt 28,19), expressando uma fórmula trinitária que tem sua base em muitos outros textos onde Paulo explicita a ação da Trindade na história da Salvação, na instauração do Reino de Deus e na vivência cristã da comunidade (cf. *Rm 1,4; 1Cor 2,10-16; 12,4-6; Ef 1,3-4* e muitos outros).

EVANGELHO: *Jo 3,16-18.* A perícopa do evangelho de João escolhida para a festa de hoje faz parte de *Jo 3,1-21* — o encontro de Jesus com Nicodemos. O trecho que foi lido expressa o cerne da fé cristã — Deus enviou o seu Filho, oferece aos homens, ao mundo — expressão joanina para dizer toda a realidade humana, terrena, marcada pela limitação e pelo pecado — a salvação em seu Filho. A condição para ser salvo é crer nesta verdade, nesta realidade. Quem a rejeita, rejeita o amor de Deus pelo mundo, rejeita a salvação e se condena.

COMENTÁRIO: Somos tentados a não fazer nenhum comentário sobre a festa que hoje celebramos — a Santíssima Trindade. Para muitos isto se traduz numa verdade, pois, sendo um mistério, não pode ser conhecido e se torna um obstáculo à nossa razão. O mistério deve ser bem compreendido ou estaria contrariando o próprio Deus, que é amor, que se revela ao homem em toda a sua plenitude — Jesus Cristo e faz com que o homem, conhecendo-o, viva em comunhão com o Espírito Santo. O mistério da Santíssima Trindade deve ser visto como a revelação de toda a profundidade de Deus que é comunhão de pessoas divinas, que é graça, amor, comunhão (2ª Leitura — v. 13). Os cristãos não compreenderam de imediato toda esta riqueza de Deus, toda essa relação de amor que se revela ao homem. No AT, aparecem todas estas características do Deus Uno e Trino na pessoa de Javé, que é cheio de amor e compassivo (1ª Leitura). Somente com Jesus Cristo é que podemos conhecer as relações de amor entre as pessoas divinas. Os evangelhos não falam claramente, mas em muitas ocasiões Jesus revela que Deus é Pai, chama-o de Abba, reza ao Pai, sente-se seu Filho, fala de Deus como Pai que envia seu filho (Mt 11,27; Mc 13,32, o ev. de hoje), fala "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30). Na sua vida também é revelada a atuação do Espírito Santo como o Espírito de Jesus — o evangelho de João é rico em citações sobre isto: *Jo 14,17; 14,26; 15,26*, etc. Em resumo, a salvação é operada pelo Pai e no Filho, pelo Espírito Santo — é a ação de Deus graça, amor e comunhão no meio do mundo (Jo 3,16s).

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de junho — 6ª-Feira: 1ª Leitura At 18,9-18, Evangelho Jo 16,20-23a; **Dia 2** — Sáb.: 1ª L. At 18,23-28, Ev. Jo 16,23b-28; **DOMINGO: Dia 4** — 2ª-F.: 1ª L. At 19,1-8, Ev. Jo 16,29-33; **Dia 5** — 3ª-F.: 1ª L. At 20,17-27, Ev. Jo 17,1-11a; **Dia 6** — 4ª-F.: 1ª L. At 20,28-38, Ev. 17,11b-19; **Dia 7** — 5ª-F.: 1ª L. At 22,30-23,6-11, Ev. Jo 17,20-26; **Dia 8** — 6ª-F.: 1ª L. At 25,13-21, Ev. Jo 21,15-19; **Dia 9** — Sáb.: 1ª L. At 28,16-20.30-31, Ev. Jo 21,20-25; **DOM.: Dia 11** — 2ª-F.: 1ª L. At 11,21b-26.13,1-3, Ev. Mt 10,7-13; **Dia 12** — 3ª-F.: 1ª L. 1Rs 18,20-39, Ev. Mt 5,17-19 ou ppr do santo 1ª L. Is 61,1-3a ou 1Cor 2,1-10a, Ev. Lc 10,1-9; **Dia 14** — 5ª-F.: 1ª L. 1Rs 19,19a.11-16, Ev. Mt 5,27-32; **Dia 15** — 6ª-F.: 1ª L. 1R 21,1-16, Ev. Mt 5,38-42; **Dia 16** — Sáb.: 1ª L. 1Rs 19,19-21, Ev. Mt 5,33-37; **DOM.: Dia 18** — 2ª-F.: 1ª L. 1Rs 21,17-19, Ev. Mt 5,43-48; **Dia 19** — 3ª-F.: 1ª L. 1Rs 21,17-29, Ev. Mt 5,43-48; **Dia 20** — 4ª-F.: 1ª L. 2Rs 2,1.6-14, Ev. Mt 6,6.16-18; **Dia 21** — 5ª-F.: 1ª L. Dt 8,2-3.14b-16a, 2ª L. 1Cor 10,16-17, Ev. Jo 6,51-59; **Dia 22** — 6ª-F.: 1ª L. 2Rs 11,1-4.9-18.20, Ev. Mt 6,19-23; **Dia 23** — Sáb.: 1ª L. 2Cor 24,17-25, Ev. 6,24-34; **DOM.: Dia 25** — 2ª-F.: 1ª L. 2Rs 17,5-8.13-15a.18, Ev. Mt 7,1-5; **Dia 26** — 3ª-F.: 1ª L. 2Rs 19,9b.11-14.21,31-35a.36, Ev. Mt 7,12-14; **Dia 27** — 4ª-F.: 1ª L. 2Rs 24,8-17, Ev. Mt 7,21-29; **Dia 28** — 5ª-F.: 1ª L. Dt 7,6-11, 2ª L. 1Jo 4,7-16, Ev. Mt 11,25-30; **Dia 29** — 6ª-F.: 1ª L. Lm 2,2.10-14.18-19, Ev. Mt 8,5-17; **Dia 30** — Sáb.: 1ª L. Lm 2,2.10-14.18-19, Ev. Mt 8,5-17.

12º DOMINGO — SOLENIDADE DA NATIVIDADE
DE S. JOÃO BATISTA — 24/6/84

JOÃO BATISTA — SERVO, LUZ, PRECURSOR



1ª LEITURA: *Is 49,1-6.* A perícopa que acabamos de ler faz parte do 2º Cântico do Servo Sofredor do Deutero-Isaias. Ele retoma alguns elementos do 1º Cântico (42,1-8), mas acentua alguns aspectos como a predestinação (vers. 1.5), a pregação viva e contundente (v. 2), a missão ampliada a todas as nações (v. 5.6). O texto está dentro de uma visão universalista e apresenta no seu todo a investidura profética. O profeta sente-se impellido pela força de Deus a anun-

ciar, a ser luz e a condenar os erros e infidelidades de Ciro que era esperado como um rei sábio e fiel a Javé, mas que também foi em busca do paganismo. A missão do profeta não é das mais fáceis, pois sente-se marcado pelo desânimo (v. 4). Somente a força de Deus pode manter o profeta fiel à sua missão, mesmo na perseguição e na morte.

2ª LEITURA: *At 13,22-26.* Este texto foi extraído da pregação de Paulo em Antioquia da Pisídia, na sinagoga dos judeus (At 13,16-41). Não traz a mensagem central da pregação, pois o quérigma se encontra nos vers. 26-29, mas foi escolhido em função da festa de hoje e coloca a citação de João Batista dentro da História da Salvação.

Paulo inicia seu discurso falando da História da Salvação que tem seu centro e ápice na vinda de Jesus Cristo, o Messias esperado. Nesta história salvífica, João Batista tem a importante missão de ser o precursor do Messias, anunciá-lo e preparar sua vinda pelo batismo de penitência. No entanto, ele não é o Messias, do qual não é digno de desatar as correias da sandália.

EVANGELHO: *Lc 1,57-66.80.* O trecho do evangelho de Lucas escolhido para esta festa não apresenta muita novidade com respeito à pessoa de João Batista, pois no evangelho da missa da vigília (Lc 1,5-25) nós encontramos toda a fisionomia do Precursor, sua missão, etc. Hoje, a perícopa de Lucas se preocupa mais com os acontecimentos relativos ao seu nascimento, sua circuncisão e a imposição do nome de João. O nome era dado na circuncisão e neste caso a concordância de Zacarias e Isabel na escolha do nome de João Batista denota o desígnio de Deus sobre o menino (Lc 1,13); e a cura da nudez de seu pai é uma manifestação ainda mais clara da escolha que Deus havia feito de seu filho. O texto é encerrado com um refrão muito comum em Lucas (2,40.52;1,66). Deus acompanha os seus escolhidos do nascimento à fase adulta e fá-los crescer em sabedoria, idade e graça.

COMENTÁRIO: A festa de S. João Batista é muito popular em nosso meio — muitas são as Igrejas a ele dedicadas, bem como todo o folclore — fogueiras, cantos, etc. Tudo isso tem um sentido mais profundo. Os relatos bíblicos sobre João Batista, as palavras de Jesus sobre o seu precursor — ele é mais que um profeta (Lc 7,26), maior dentre os nascidos de mulher (Lc 7,28) e sobre o qual Malaquias já profetizou, dizendo ser o mensageiro que vai à frente de Deus (Ml 3,1; Lc 7,27) — fizeram com que toda a Igreja dos primórdios até hoje tivese grande veneração pelo Precursor de Jesus. A ele é dedicada outra celebração — o seu martírio no dia 29 de agosto. Cabe a nós imitar a coragem e a fidelidade com que João realizou a sua missão de Profeta, anunciando o Reino de Deus, a vinda de Jesus Cristo como Salvador, mesmo com todas as perseguições que lhe trouxeram o martírio. Ele é um exemplo para os nossos dias — a verdade precisa de profetas.

O espírito e o amor são o fundamento da Igreja

Alceu Luiz Orso

O capítulo 14 deste evangelho contém dois grandes dinamismos:

a) 14,1-14: o pensamento vai em direção do Pai para onde o Filho vai. Jesus parte e somente aqueles que crêem nele têm condições de segui-lo e de chegar ao Pai.

b) 14,15-26: parece que o pensamento encaminha-se para uma direção oposta. Jesus vai, mas essa sua ida não significa que Ele nos abandonará. Ele criará condições para uma presença muito mais perfeita.

Do mesmo modo que Israel é a comunidade que ama a Javé (Dt 6,5), assim a comunidade cristã é este conjunto de pessoas que amam Jesus. Crer em Jesus, conhecê-lo, significa amá-lo. Este amor realiza-se pela observância dos seus mandamentos, que se resume no grande mandamento: o amor recíproco entre os cristãos inspirados no amor de Cristo, que não tem fronteiras.

Paráclito (v. 16) significa “aquele que é chamado”. É um termo jurídico, dado à pessoa que é chamada para ajudar a defender um acusado num processo. Este termo “paráclito” aparece somente nos escritos joâneos (evangelho e cartas) e tem dois significados:

a) É aplicado ao Cristo glorioso que está diante do Pai como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 2,1-2).

b) É aplicado ao Espírito Santo pelo papel que desenvolve junto aos crentes que estão no mundo, substi-

tuindo a Jesus que regressou para o Pai.

É a primeira vez que aparece a promessa do Espírito Santo. Há diversas conotações que esse título “paráclito” assume nos diversos contextos: a) atribui-se ao Espírito o papel de mestre (14,26; 16,13-15); b) testemunha (15,26); c) de acusador (16,8-11).

Jesus promete voltar para não deixá-los órfãos (v. 18). Esta volta não se dará pela parusia no fim dos tempos, mas pela Ressurreição, que é o mais profundo e contínuo modo de presença na Igreja através do Espírito e da fé (20,21-23).

As aparições do Ressuscitado são apenas os sintomas que marcam o início dessa nova e contínua presença. O mundo incrédulo só vê Jesus até a morte. Nós cristãos ultrapassamos o tempo e o modo de comunhão física com Jesus (20,24-29), porque temos na fé a experiência do Cristo vivo, vivemos e testemunhamos uma vida nova.

O Espírito se faz presente na Igreja, atuando em cada membro. Os discípulos, depois de seguirem a Jesus durante alguns anos, de aprenderem muitas coisas dele, só começaram a ser Igreja quando receberam o Paráclito. Sem o Espírito, que une pelo interior os agrupamentos de pessoas que se associam, não formam comunidades. É o Espírito que permite que a Igreja seja salvação não só para si, mas para todo o mundo. O si-

nal fundamental da presença do Espírito é o amor do Senhor ressuscitado, e o amor recíproco entre os irmãos que os impele a buscarem formas de comunhão de vida. É esta forma de amor, levado ao heroísmo, que o mundo não conhece, pois não vem do mundo.

Ao celebrar a Eucaristia, a Igreja invoca o Espírito para que nos una ao redor da oração que o Cristo faz no meio de nós. O Espírito Santo, que é a fonte da vida para a comunidade, não se reduz apenas a uma promessa, mas é uma realidade atual e presente. Ele vivificará a vida do cristão no dia-a-dia.

Outro tema além do Espírito Santo, a ser mencionado no texto, é o amor: “Se me amais, observareis os meus mandamentos” (v. 15). Para a concretização desse amor, encontram-se inúmeros obstáculos, como o egoísmo que é uma tentação no homem a cada instante. A vivência do amor no homem só se faz presente se ele encontrar motivação em alguém, e essa pessoa é Jesus Cristo. “Ninguém possui maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”. E no mesmo evangelho de João num outro lugar diz: “De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,16). E São Paulo diz: “No seu amor, nos destinou para sermos adotados como filhos” (Ef 1,5).

Nazaré: a sagrada gruta

Pertence ao vasto complexo dos vãos e corredores subterrâneos do antigo vilarejo de Nazaré. Desde o período do ferro ao período romano, parece ter sido destinada ao uso doméstico. Alguns sinais provam que em seguida foi transformada em local de culto.

Perto e sobre a gruta, foram erguidas sucessivamente diversas igrejas. A primeira, por ordem de tempo, no século 3º, a igreja sinagoga construída pelos judeus-cristãos; no século 5º, a igreja bizantina, construída pelos cristãos provenientes do paganismo; no século 12º, a igreja dos cruzados; em 1730 a igreja erigida pelos franciscanos; em 1969, a nova basílica.

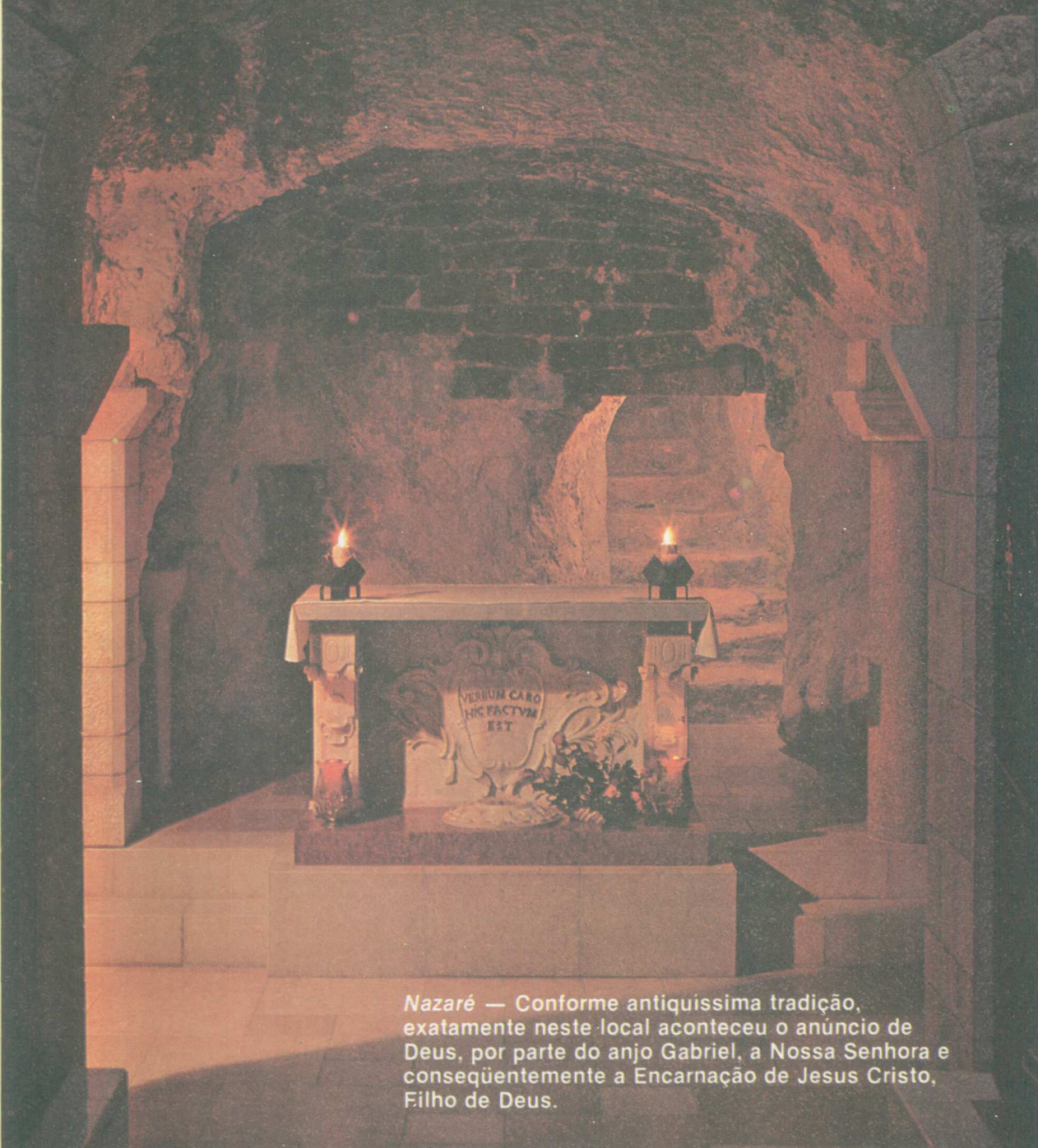
(Veja a foto da 4ª capa)

“Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.
Mas a todos aqueles que o receberam, aos que crêem no seu nome,
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

Os quais não nasceram do sangue,
nem da vontade da carne, nem da vontade do homem,
mas sim de Deus.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós
e vimos sua glória, a glória que um Filho único recebe do seu Pai,
cheio de graça e de verdade.”

(João 1,11-14)



Nazaré — Conforme antiquíssima tradição,
exatamente neste local aconteceu o anúncio de
Deus, por parte do anjo Gabriel, a Nossa Senhora e
conseqüentemente a Encarnação de Jesus Cristo,
Filho de Deus.